

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM HISTÓRIA

LUCIANA MARIA DE MOURA MELO

**A UTOPIA DE UMA RAÇA CÓSMICA:
O OLHAR DE JOSÉ VASCONCELOS SOBRE A AMÉRICA LATINA**

GOIÂNIA
2013

LUCIANA MARIA DE MOURA MELO

**A UTOPIA DE UMA RAÇA CÓSMICA:
O OLHAR DE JOSÉ VASCONCELOS SOBRE A AMÉRICA LATINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Cultura e Poder.

Orientador: Prof^o. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

GOIÂNIA
2013

**A UTOPIA DE UMA RAÇA CÓSMICA:
O OLHAR DE JOSÉ VASCONCELOS SOBRE A AMÉRICA LATINA**

Dissertação do Mestrado em História, defendida perante a seguinte
Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros (Presidente) _____

2) Dr. Eduardo José Reinato (PUC-Go) _____

3) Dr^a. Libertad Borges Bittencourt (UFG) _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa em especial aos meus filhos e ao meu esposo, que sempre estiveram presentes ao meu lado, com paciência, companheirismo e carinho, dando-me força, incentivando meus dias complexos, não me deixando desanimar em momento algum. Menciono também o respeito que por mim tiveram e que sempre foi o suporte principal para que eu seguisse em frente.

AGRADECIMENTOS

Pensar que cheguei ao final deste trabalho leva-me a refletir sobre as várias pessoas a quem devo meu agradecimento: os vários parceiros que estiveram ao meu lado durante a pesquisa desenvolveram em mim um sentimento de gratidão e, se o medo pelas dificuldades encontradas foi imenso, apesar do apoio buscado em inúmeras obras, foi fundamental a presença desses que dedicaram um pouco de seu tempo para me auxiliar quanto ao tema que desenvolvi.

Assim, agradeço a Deus pela saúde e por ter conseguido chegar ao final de mais uma caminhada.

Acarinho, em especial, José Roberto Ferreira de Melo, meu esposo, pela sua compreensão quanto aos momentos em que muitas vezes me fiz ausente, pelo incentivo a não desistir de lutar pelos meus ideais, quando, às vezes, eu me fazia apreensiva, e pela paciência que me fazia acalmar e prosseguir, fazendo com que a minha caminhada fosse mais tranquila.

Também agradeço em especial ao meu orientador, Eduardo Gusmão de Quadros, cuja dedicação não mediu esforços nas várias horas dispensadas às nossas discussões. A sua experiência quanto à temática fez muita diferença para a efetivação da pesquisa, principalmente a sua sensibilidade quanto às minhas exigências de aprimoramento nos momentos de escrita e finalização do trabalho.

Deixo aqui também meus sinceros agradecimentos aos colegas do mestrado, que não me deixaram desistir por mais difícil que fosse a caminhada: Camila Melo e Henrique Coelho. Sou-lhes muito grata, porque me ajudaram a mudar e a desenvolver minhas ideias ao longo dos anos.

No topo dessa lista, ainda estão outros grandes amigos: mestre Robson Nunes, que, apesar da barreira da distância, sempre me ajudou; mestre Cleiton Ricardo das Neves, cuja sabedoria foi muito importante nas minhas discussões e argumentações; mestra Madalena Queiroz, também de fundamental importância para meu aperfeiçoamento enquanto mestranda, pela confiança que depositou em mim e que só me acrescentou em minhas experiências. Desses amigos eu, realmente, tomei bastante do seu tempo.

Ainda agradeço a minha querida diretora Dalka de Leles, pessoa essencial para os vários momentos em que me ausentei do trabalho: sou-lhe muito grata, pela

paciência que me dispensou nos vários momentos em que precisei sair mais cedo ou deixar de cumprir com meu dever na escola. Menciono ainda o companheirismo dos amigos Thatyanne Leopoldina e Gabriel Henrique, que, nas idas e vindas das viagens que fiz para os afazeres diários, sempre levantaram meu ânimo de dentro do extremo cansaço que me fazia querer desistir.

No exame de qualificação, pude contar com uma avaliação crítica e sugestões valiosas que contribuíram para a melhoria da minha pesquisa, os professores Drs. Eduardo José Renato e Albertina Vicentini a quem deixo minha admiração e agradecimento.

Um entre aspas especial quero ainda assinalar para o meu braço direito nesta caminhada: Joana D'arc Ferreira de Melo, que foi fundamental em minha família quando das minhas ausências, que se fez presente e companheira dos meus filhos de modo que eu com eles não precisasse me preocupar e que não mediu esforços durante todo o tempo em que dela precisei.

Também agradeço a todos os professores do Programa, grandes intelectuais que estiveram ao meu lado no decorrer desses dois anos de pesquisa e estudos, pelo carinho, respeito e conhecimento a mim transmitido.

E, finalmente, agradeço a todos que estiveram torcendo pela minha conquista: minha família - meu irmão, que tanto esteve ao meu lado, minha irmã Regineide, que também foi fundamental para que eu continuasse meu estudo e minha Tia Divina, que sempre acreditou no meu esforço.

E, pois, agradeço às pessoas a quem eu não fiz menção nominalmente, mas que estiveram ao meu lado e que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as obras de José Vasconcelos Calderón, especialmente sua obra *La Raza Cósmica*. Vasconcelos foi um intelectual que esteve profundamente inserido nos acontecimentos políticos e sociais do México, como a Revolução Mexicana e o Movimento Modernista dos anos de 1910 e 1920. Tornou-se secretário da Educação e criou um projeto que favoreceria as comunidades marginalizadas do seu país. Vislumbrava um novo futuro para o continente latino-americano, uma raça única. Seu ideário criou perspectivas através do processo de mestiçagem, cujas projeções geraram a utopia da mestiçagem enquanto caminho de construção da identidade latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina - Mestiçagem - Utopia

ABSTRACT

This research analyzes the works of José Vasconcelos Calderón, especially his work *La Raza Cosmic*. Vasconcelos was an intellectual who was deeply ingrained in the political and social developments in Mexico, as the Mexican Revolution and the Modernist Movement of the 1910s and 1920s. Became Secretary of Education and created a design that favor marginalized communities in your country. Envisioned a new future for the Latin American continent, a unique breed. His ideas created prospects through the process of mestizaje, whose projections generated utopia of mestizaje as the build path of Latin American identity.

WORD-KEYS: Latin America - Mestizaje - Utopia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 MÉXICO: A BUSCA DE UMA NOVA IDENTIDADE	16
1.1 Anos de Conflitos	16
1.2 A Construção de um Novo México: a Influência de José Vasconcelos no Processo Revolucionário	22
1.3 O México e as Cinzas da Revolução	27
2 A INTELLECTUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LATINO- AMERICANA	31
2.1 Os Intelectuais no Novo Mundo	33
2.2.1 A Natureza Enferma da América	35
2.3 O Discurso Naturalista: a Degeneração do Continente Americano.....	36
2.4 O Darwinismo Social: a Extirpação da Raça Latino-americana	39
2.5 Mestiçagem: uma Metáfora que Exprime a Unidade Humana.....	41
2.6 América Latina: Eugenia para a Eliminação das Raças Inferiores.....	46
3 A UTOPIA DE UMA IDENTIDADE UNIVERSAL	51
3.1 A Utopia na Idealização do Novo Mundo	51
3.2 Um Idealizador Latino-americano	55
3.3 O Conceito de Raça na Visão de um Profeta Recusado	61
3.4 A Quinta Raça: uma União Cósmica.....	62
3.5 A Quinta Raça: a Utopia de uma Nova Identidade.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

[...] Os mesmos brancos descontentes com o materialismo e a injustiça social em que sua raça caiu, à quarta raça se juntará as outras e a liberdade conquistará.

José Vasconcelos

A presente dissertação investiga a construção da identidade na América Latina a partir da mestiçagem. Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos fazer uma análise do pensamento de José Vasconcelos e apresentar os elementos que contribuíram para a formação da identidade na América Latina, assim como os fatores que levaram à mescla das raças nesse continente.

Para tanto, levamos em consideração o estudo da autobiografia como maneira de melhor entender a corrente de pensamento na qual o autor esteve inserido; e a abordagem da história cultural, para contribuir com a análise do discurso histórico, que seduz os olhos e atíça a problemática da linguagem nacionalista empregada no final do século XIX e início do século XX.

Segundo Romilda Costa Motta (2010, p. 8): “Quando Maurice Halbwachs elaborou na década de 1920 uma sociologia da memória coletiva, propôs para os historiadores de diversas vertentes uma discussão da relação entre memória e história”. Para a autora, ele apresentou tal relação como dicotômica ao colocar a memória como uma atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva em contraposição à história, um processo interessado e político.

Assim, procuramos neste trabalho objetivar os eixos de interpretação frente ao contexto histórico corrente da mestiçagem e da utopia na construção da identidade na América Latina, através da discussão sobre a consolidação de uma identidade mestiça, discussão do crescimento urbano, das novas perspectivas políticas e das transformações dos costumes da sociedade, presidida pela hierarquia do branco e afirmada através de um sistema patriarcal, de uma superioridade do colonizador para com o colonizado, fixando um mundo controverso que, naquele momento, encontrou inúmeros argumentos para consolidar os interesses da elite.

Portanto, apresentamos aqui algumas reflexões sobre o caráter mestiço e a construção da identidade na América Latina a partir das suposições enunciadas por um ideólogo da geração dos anos 1920 as quais não foram bem aceitas naquele

período, e, suas argumentações nessa mesma época. A influência na construção de um pensamento sobre a identidade nacional presente nas obras de José Vasconcelos, no México, pode ser considerada relevante, uma vez que gerou repercussão importante. Essa decorrência de recepção sugere, a nosso ver, a tendência das inquietações na sociedade latino-americana e tem como referência a apresentação da mestiçagem na construção de uma concepção e ideário identitários.

Sendo assim, a presente pesquisa argumenta também sobre as influências que as teorias raciais europeias exerceram sobre o pensamento social na América Latina e que atuaram como categoria de aprovação racial no século XIX e início do século XX para os distintos grupos humanos. Por fim, enfatizamos a utopia como mantenedora do processo de construção identitária latino-americana.

Das apreciações acima seguem os seguintes apontamentos: como essas teorias foram superadas ou adaptadas à realidade social no período em que se apresentava como desafio a construção da identidade nacional? Como José Vasconcelos pensava a construção de uma identidade mestiça através de sua obra *La Raza Cósmica*? Se seu pensamento foi considerado utópico para a construção de um ideário nacional, como ele sistematizou algumas lealdades históricas para pensar a identidade latino-americana? Qual seria a utopia de José Vasconcelos sobre a América Latina?

Nosso objetivo é enfatizar os condicionamentos que se construíram para enfrentar a questão racial. Concluímos que o significado e a função dos elementos raciais formadores da nacionalidade em questão se registraram e se construíram a partir de trajetórias históricas, cujo passado deve ser superado sem que seja censurada a sua construção identitária, pela qual podem ser aferidos os componentes raciais no sistema de representações e memória.

Desse modo, diante das condições de um mundo abalado pelos medos das duas guerras mundiais, vale ressaltar que os anos de 1920 foram bastante ricos do ponto de vista cultural. Eram os anos do pós-guerra e a Europa celebrava o retorno à felicidade dos primeiros tempos do século. Não por acaso, a efervescência intelectual fez com que surgissem várias intenções artísticas. Desse amálgama, a arte moderna nasceu com várias tendências e se espalhou pelo mundo inteiro. Assim, estereótipos e mudanças rápidas do tempo nos levaram a buscar fatos no passado que pudessem explicar acontecimentos que pareciam estar adormecidos, do que decor-

reu a atenção aos lugares de memória onde se construíram representações da história, pois estes espaços tornaram-se bastante parciais.

É neste viés de que a História investiga na memória ou nas fontes escritas um meio para explicar os acontecimentos que Frank Ankersmit¹ diria que “cabe ao historiador organizar conceitos enquanto essências históricas, pois na história a linguagem adquire forma própria”. Daí os conceitos de raça, mestiçagem e identidade, que nortearam a reflexão histórica intelectual e política na América Latina. Sobre esse ponto de vista, Luiz Fernando da Silva² mostra que:

Entre o século XIX e início do XX, as elites econômicas e culturais latino-americanas e caribenhas realizaram um prolongado debate sobre seus projetos nacionais, em relação à modernidade capitalista nos países da região. Esse debate envolvia questões como o Estado nacional, a relação com os países centrais, a avaliação sobre o “atraso” nacional, o desenvolvimento econômico etc. Basicamente, a problemática localizou-se no período pós-independência que exigiu a construção de um aparelho estatal nacional (administrativo, legislativo e repressivo) que possibilitasse a integração subordinada e dependente das economias regionais ao modo de produção capitalista e a integração territorial e ideológica de suas heterogêneas populações, marcadas por modos de vida e trabalho, língua e costumes inteiramente distintos e antagônicos dos projetos civilizatórios das oligarquias.

Observamos nos argumentos do autor que o processo de colonização ocorreu baseado em distintas etnias, com modos de vida, de trabalho e existência localizados em diferentes lugares. O reducionismo do discurso racial europeu, produzido desde o século XVI, constituiu categorias reedificadas definidas como brancos, indígenas e negros, ficando o mestiço resultado de um cruzamento inter-racial. Por esse motivo, as identidades culturais e as lealdades políticas na América colonial foram o resultado de um lento processo de adaptação e adequação do imaginário comum do Antigo Regime europeu às realidades americanas. Nesse processo de fidelidades, as políticas coloniais ganharam em complexidade de afiliação, dos des-

¹ Frank Ankersmit é hoje uma das principais referências na reflexão sobre a escrita da história e suas especificidades. O autor vem discutindo as características do texto histórico e suas relações com a realidade, compreendendo-o como uma representação. Para isso, lançou mão de um amplo debate com a filosofia da linguagem, caminho mais frutífero para a compreensão da escrita da história do que a teoria literária. (Apud OLINTO, 2012).

² Luiz Fernando da Silva, em seu artigo: “O Mestiço na Construção da Identidade Cultural Latino-Americana. As Diferenças Entre o Brasil e a Argentina” (<http://www.lamericas.org/arquivo/corpoecultura.pdf>), mostra que, diferente da representação que os intelectuais europeus tinham da sua Europa civilizada (Inglaterra, França, Alemanha), como que constituída por uma raça branca, o pensamento latino-americano desenvolveu a discussão referenciada por categorias de “raças superiores” e “raças inferiores”, orientado pelas teorias raciológicas europeias.

cedentes dos conquistadores aos descendentes dos conquistados, assim como dos diversos grupos raciais provenientes da mescla entre europeus, indígenas e africanos.

Para tanto, “a consolidação da chamada história cultural e a renovação da história política têm procurado estabelecer novos procedimentos metodológicos de análise das fontes históricas” (MOTTA, 2010, p. 09). Sendo assim, ao buscar um norte para os estudos relacionados aos contextos voltados para a formação identitária de uma nação, é preciso procurar na produção historiográfica explicações plausíveis para a diversidade cultural existente e para a formação social, o que remete ao trabalho da história cultural.

O trabalho, portanto, buscou em Roger Chartier a argumentação coerente e norteadora do contexto, assim como a sua apreciação para com as explicitações sobre a história cultural alicerça nossa escrita:

[...] a nova história cultural encontra modelos de inteligibilidade em vizinhos que até aí os historiadores tinham frequentado pouco: de um lado os antropólogos; e do outro, os críticos literários. Às antigas alianças, estabelecidas entre a história e as disciplinas amigas ou rivais, como eram a geografia, a psicologia ou a sociologia, sucederam-se assim novas proximidades que obrigaram os historiadores a ler de maneira menos diretamente documental os textos ou as imagens e a compreender nos seus significados simbólicos os comportamentos individuais ou ritos coletivos (CHARTIER, 2002, p.29).

De forma análoga, percebemos, ainda com Roger Chartier, que não se pode romper com o passado, mas é preciso buscar entender os fatos e os acontecimentos para explicar e dar sentido ao presente, fazendo uma ligação ou um elo que possa nortear o trabalho do historiador.

De maneira que voltamos a ressaltar que, nesta pesquisa, a dimensão a ser estudada está relacionada ao conceito de raça, mestiçagem e utopia, fundamentais para a compreensão dos acontecimentos que estiveram ligados à construção da identidade no continente latino-americano, assim como as competências ideológicas que sistematizaram as preocupações relevantes e que permitiram a ampliação sobre o tema.

Sabemos que as teorias raciais vigentes nos séculos passados estiveram envolvidas em questões excludentes e depreciativas da América Latina. Portanto, é necessário entender o termo raça. Segundo Luiz Fernando da Silva:

Na Europa do século XIX desenvolveram-se distintas correntes de pensamento social - positivismo, evolucionismo e darwinismo social-, que se ativeram à discussão sobre as “raças” em sua relação com o *progresso e a civilização*. Constituiu-se uma *verdade* sobre as etnias não-européias que se fundamentava nos avanços científicos da época. A atribuição de inferioridade às populações diferentes da europeia, marcadas pela carência civilizatória, era “comprovada cientificamente”³.

O conceito de raça, para o autor, é elencado no pensamento de acordo com Cuin e Gresle (1994), e apareceu no início do século XIX com o francês Georges Cuvier. A ideia central era de que existiriam heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos. Cada vez mais, naquele século, o conceito de raça foi se aproximando do conceito de povo. Até então, o ser humano era representado por grupos distintos obsoletos por sua evolução natural. Lilia Moritz Schwarcz mostra que:

Tratava-se de uma investida contra os pressupostos igualitários das revoluções burguesas, cujo novo suporte intelectual concentrava-se na ideia de raça, que, em tal contexto, cada vez mais se aproximava da noção de povo. O discurso racial surgiu, dessa maneira, como variante do debate sobre cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo entendido como “um resultado, uma reificação dos atributos específicos de sua raça”. (SCHWARCZ, 1993, p. 47)

Segundo a autora, raça seria um dado científico e comparativo (1993, p.242), que teria por objetivo definir as peculiaridades do ser humano, elaborando-lhe símbolos e sentidos de modo a gerar um ser superior a outrem. E há também nessas definições uma intencionalidade de caráter político, em que conflitos e tensões da vida concreta pressupõem opções fundadas em projetos sociais de construção de uma identidade nacional.

Os autores e textos selecionados estão longe de representar uma voz única, mas há em todos eles uma seleta busca pela emancipação dos povos através do processo de construção da identidade. Benedict Anderson (2008) define a construção nacional como sendo “uma comunidade política imaginada”, porque, em uma nação cujos patriotas não se encontram ou sequer ouvem falar uns dos outros,

³ Ver em: Luiz Fernando Silva. *O Mestiço na Construção da Identidade Cultural Latino-Americana as Diferenças Entre o Brasil e a Argentina* (<http://www.lamericas.org/arquivo/corpoecultura.pdf>).

mesmo estando em um mesmo local, o conceito fica somente no imaginário das pessoas, que se tornam limitadas, porque possuem fronteiras limitadas nas quais encontram outras nações. Segundo o autor, o povo vive em uma nação que somente existe em seu imaginário, embora a mesma nacionalidade, pois as limitações são várias, o que torna distintas as questões identitárias.

É dessa diversidade memorialística, dos critérios de seleção para uma análise mais profunda dos acontecimentos no continente latino-americano, que se faz necessária a busca de novas perspectivas para o desenvolvimento do tema em questão: a utopia de José Vasconcelos. A dimensão a considerar nesse tema é que o elemento central na classificação das populações opera em torno do mestiço. Nesse horizonte temático, emergem as questões da mestiçagem e da utopia, como verificaremos em intelectuais, como José Vasconcelos, Pedro Henríquez Ureña, Otávio Paz, Leopoldo Zea, Silvio Romero, entre outros. Identidade mestiça na perspectiva de uma raça cósmica torna-se o desafio centralizador. O desafio maior será como configurar projetos nacionais partindo do ideário de mestiçagem, se no continente prevaleciam populações dadas como inferiores.

No pensamento de José Vasconcelos, percebemos a radicalização absoluta da idealização do mestiço como tipo característico e identitário da América Ibérica. Esse é o amálgama do nosso discurso: buscar entender na utopia vasconceliana as amarras que entrelaçaram seu discurso para fazer do mestiço um símbolo da identidade nacional, o que é buscar entender sua utopia, compreendendo esta como uma ideia relacionada ao “jogo imaginário” (UREÑA, 1989) no qual a história busca o seu passado e cria perspectivas para o futuro.

É dentro desse contexto que apresentamos nosso trabalho. No primeiro capítulo, buscamos uma mostra cronológica dos acontecimentos revolucionários que acometeram o México e que antecederam a explosão da Revolução Mexicana, período em que a busca por uma identidade se explicita na sociedade mexicana. Fazemos menções também aos anos de conflito, momento em que José Vasconcelos foi ponto importante nas relações políticas, ou seja, momento necessário por ser um período em que José Vasconcelos esteve intrínseco aos acontecimentos de seu país.

Sua atuação política e social foi fundamental por estar ele envolvido diretamente no desenrolar revolucionário de reconstrução do país, nos projetos para melhorar a educação básica e nos trabalhos para o reconhecimento e igualdade do po-

vo mexicano. Apresentamos ainda a influência intelectual de José Vasconcelos como membro de uma geração de inovadores das concepções idealistas.

No segundo capítulo, direcionamos a postura dos intelectuais nesse contexto histórico, suas contribuições na construção da identidade latino-americana e seu papel em meio à sociedade dos anos de 1920. Para ressaltar as teorias depreciativas que muitos intelectuais utilizaram para hostilizar a sociedade da América Latina, destacamos o pensamento e as menções de Antonello Gerbi (1996) sobre as teorias de De Pauw e o darwinismo social, ambos discursos de degeneração e extirpação do continente. Para concluir, abordamos alguns aspectos voltados para os movimentos eugênicos, que foram configurados e utilizados para a eliminação das raças dadas como inferiores, e o pensamento contraditório de José Vasconcelos em relação a essas teorias apresentadas.

Ainda sequenciando os acontecimentos nos quais José Vasconcelos se insere, propomo-nos, no último e terceiro capítulo, analisar a visão utópica do autor, o seu principal ideário para a construção da identidade latino-americana. Procuramos identificar sua perspectiva quanto à formação da identidade nacional a partir de sua obra *La Raza Cósmica* (1925). Buscamos entender que causas definiram sua escolha e qual a sua idealização do mestiço na América Latina. A partir do conceito de utopia percebemos a importância de ressaltar em nossa pesquisa como José Vasconcelos procurou articular e objetivar suas apreensões sobre raça e mestiçagem. Por fim, abordamos o que seria para ele um tema imprescindível - a construção da identidade na América Latina a partir da quinta raça -, ressaltando ainda a receptividade de sua obra por alguns autores, como Otávio Paz e Roberto Fernández Retamar.

Diante dos dilemas enfrentados por historiadores quanto à pesquisa histórica no sentido de objetivá-la e conceituá-la e compreender as ações do ser humano na história, buscamos questionar se o pensamento de José Vasconcelos não deixou de lado essa relevância quanto ao caráter da nação em sua contemporaneidade, enaltecendo a figura do ser humano enquanto individualizado por sua própria existência e em defesa de seus interesses próprios, em prol da construção de uma identidade baseada nas representações simbólicas e ideológicas de seu pensamento.

1 MÉXICO: A BUSCA DE UMA NOVA IDENTIDADE

José Vasconcelos foi figura dramática e atuante na vida política e social do México principalmente nos anos de 1920. É através de sua vivência e da sua influência política em seu país que buscamos articular este primeiro capítulo. Nele apresentamos o cenário no qual José Vasconcelos esteve envolvido no decorrer de sua carreira enquanto personalidade importante da elite mexicana.

Procuramos mostrar ainda os conflitos que movimentaram e modificaram a estrutura social no país para a construção de uma nova identidade. Vislumbramos assim a influência de José Vasconcelos no processo revolucionário e como sua atuação contribuiu para que ocorressem modificações na sociedade e na educação do México.

1.1 Anos de Conflitos

Assim como todos os países de origem colonial, o México teve um projeto embrionário de Estado Nacional, no qual campos de relações fomentavam os interesses internacionais. Com a herança colonial, o problema agrário sempre esteve nas bases dos conflitos políticos e sociais do país, como tentativa de modificar-lhe o sistema de governo.

Antes da Revolução em 1910, o México era um país basicamente agrícola, dominado pelas “haciendas”, propriedades nas quais o sistema de peonagem e plantações tornavam-se grandes fontes lucrativas e demonstravam o poder do Estado numa colônia onde a terra se concentrava nas mãos de poucos.

No século XVIII, as propriedades agrícolas vigentes haviam sido devastadas e as elites mexicanas resolveram colocar fim ao domínio da coroa espanhola, acabando de vez com qualquer possibilidade de reforma agrária. O projeto monárquico solicitado pela classe dominante colonial buscava uma emancipação pacífica da Espanha. Os conflitos gerados em solo mexicano levaram a assinatura de um acordo no qual os direitos seriam de igualdade para todos. Segundo Rubim Santos Leão de Aquino (2007, p. 220), “o *Plano de Iguala (1821)*, que proclamou a independência do México, direitos iguais para espanhóis e criollos, representou a supremacia da igreja católica que convidou Fernando VII a ocupar o trono no México”.

Apesar da oposição, Cosme Damián Agustín de Iturbide e Arámburu, em 1822, proclamou-se imperador do México com o apoio do exército. Pouco tempo depois, em 1824, um conflito republicano chefiado por Antônio de Santa Ana derrubou o governo de Iturbide. A partir desse período, passaram a ocorrer lutas constantes entre federalistas, favoráveis a uma descentralização política, e unitaristas, a favor de um poder centralizador não só em solo mexicano, mas em toda a América.

No século XIX, os países da América se caracterizavam pelo predomínio das oligarquias rurais, exceção feita ao México, que passara por um curto período monárquico para, posteriormente, constituir-se em repúblicas. A história do México é a do homem que procura a sua filiação, a sua origem (PAZ, 1976), porque um tanto quanto afrancesado, hispânico, indígena, ou melhor, mestiço. Também neste século, as ocorrências da divisão de trabalho e a divisão, de um lado, de países capitalistas e, de outro, de países recém-independentes dos primórdios da colonização, embora com a conservação dos modelos coloniais de produção, proporcionavam um fenômeno imperialista na América Latina.

O México, assim como outros países, teve sua diversidade cultural sobrepujada pelo desenvolvimento da desigualdade quando, a partir da segunda metade do século XIX, o capitalismo internacional estreitou ligações com a América Latina e afluíram os investimentos na produção, nos transportes e serviços públicos.

Apesar dos avanços em relação ao desenvolvimento social, ocorreram vários conflitos entre a economia capitalista e urbana e o campo aristocrático e latifundiário, aumentando assim as disparidades regionais (AQUINO, 2007), desequilíbrio que era bem acentuado entre os estados nacionais – México, Argentina, Brasil de um lado, e os países andinos de outro (Peru e Bolívia), sendo que a maioria dos países da América Ibérica permanecia intensamente ruralista com fraca economia de mercado. Contudo, o surgimento de uma classe média urbana apontou o desequilíbrio cultural que havia. O maior contraste estava na desigualdade de desenvolvimento da América Latina.

No México, a instabilidade política e social se fez a partir de sua independência. Esse acontecimento marcou profundamente sua história e veio a contribuir indiretamente para um de seus maiores acontecimentos: a Revolução Mexicana. A independência hispano-americana, assim como a história dos nossos povos, é um acontecimento de complexa interpretação. A imagem que o México nos oferece, no final do século XIX, é a da discórdia. A Revolução, segundo Otávio Paz (1976, p.

123) era “um fato que irrompe em nossa história como verdadeira revelação do nosso ser”. Seria um acontecimento que mudaria toda a estrutura social e econômica mexicana.

A Revolução tem antecedentes, causas e motivos, carece, num sentido profundo, de precursores. A Independência não é somente fruto de diversas circunstâncias históricas, mas sim de um movimento intelectual universal, que no México é iniciado no século XVIII. A Reforma é o resultado da obra e da ideologia de várias gerações intelectuais, que a preparam, predizem e realizam. É a obra de “inteligência” mexicana. (PAZ, 1976, p. 123).

De acordo com a argumentação de Otávio Paz, a Revolução seria uma reivindicação de verdades e seus objetivos foram a reforma agrária, a devolução de terras aos indígenas e camponeses, a nacionalização das multinacionais norte-americanas, reformas eleitorais, dentre outras aclamações. Como diria ainda Otávio Paz: seria “uma limpeza nos métodos democráticos”. Esse movimento revolucionário alcançou grande repercussão na imprensa mexicana, latino-americana, norte-americana e brasileira (BARBOSA, 2007).

Pode-se dizer que a Revolução Mexicana, em termos proporcionais, obteve a mesma repercussão, em nosso continente e na primeira metade do século XX, que a Revolução Cubana na segunda metade. Isso porque ocorreram também em vários países a criação de partidos comunistas, movimentos operários e estudantis de grande porte, além de movimentos nacionalistas de esquerda e de extrema direita.

Nesse contexto revolucionário, José Vasconcelos esteve entretido com os acontecimentos políticos e especialmente envolvido nos acontecimentos intrínsecos do sistema de educação mexicano. Vasconcelos pensava o movimento revolucionário como algo que daria sentido à história do México, baseada “no sangue, na língua e no povo” (PAZ, 1976). Vasconcelos, como a intelectualidade da época, buscava fazer da Revolução uma oportunidade para mudar radicalmente a estrutura tradicionalista imposta pela América Espanhola que desvalorizava os latino-americanos como seres inferiores.

Nesse período, foram formuladas propostas de unidade latino-americana e houve significativo debate em torno da questão indigenista. Começa então, na América Latina, uma efervescência política, social e cultural. Alguns movimentos tiveram maior repercussão do que outros. Antes da explosão da Primeira Guerra, o Manifes-

to Futurista⁴ de Marinetti (1909) teve grande impacto na América Latina, pois ali se encontrava a negação mais radical ao passado, antigo e recente, e a defesa do futuro, da tecnologia e do movimento. A exaltação do novo, por parte dos futuristas, correspondia à imagem da América que seria reforçada posteriormente como lugar do futuro. Quanto a esse ponto, Maria Helena Rolim Capelato afirma que:

O auge da produção de Manifestos, tanto na Europa como na América Latina, se deu a partir dos anos 1920. Nesse período, houve uma efervescência política e social que se fez acompanhar de intensa produção artística. Não só a Primeira Guerra e suas consequências devastadoras, mas também a Revolução Russa e o início dos movimentos de esquerda e de extrema direita provocaram uma reavaliação dos valores estabelecidos a partir de novos parâmetros: a guerra revelou o absurdo da condição humana e a Europa passou a ser vista como o “velho mundo” em decadência enquanto a imagem do “novo mundo”, lugar do futuro, se fortaleceu. Houve febril intercâmbio de ideias e imagens entre esses dois continentes. (CAPELATO, 2005, p. 258).

Segundo a autora, os movimentos culturais que alguns autores consideraram como sendo o Manifesto Futurista da América Latina podem ser tomados como um marco inicial do Movimento Modernista. Todos esses acontecimentos tiveram importante repercussão.

Foi nesse contexto que aconteceram redefinições no campo cultural, com propostas de novos programas artísticos para interpretar o mundo em mudança. A Arte Muralista⁵ mexicana da década de 1920 foi utilizada por José Vasconcelos como forma de caracterizar o esforço de criar uma imagem do povo mexicano que sur-

⁴ - “Manifesto Futurista”, O primeiro manifesto foi publicado no *Le Figaro* de Paris, em 22/02/1909. Os futuristas saúdam a era moderna, aderindo entusiasticamente à máquina. Para os futuristas, os objetos não se esgotam no contorno aparente e seus aspectos se interpenetram continuamente a um só tempo, ou vários tempos num só espaço. Incluíam a aceitação e a exaltação da tecnologia. (CHIPP, 1993).

⁵ - O Muralismo mexicano é a primeira articulação continental dos artistas contemporâneos da América, tendo surgido a partir de sua própria realidade. A pintura mural mexicana teve início oficial nos anos 20 do século passado como “filha da Revolução de 1910, e foi a principal corrente estética da arte moderna no México, com grande repercussão por todo o continente americano e mesmo na Europa”. Não que a Revolução por si só tenha gerado a arte mural, que já estava em estado embrionário, mas, com certeza, foi ela que permitiu sua emergência e esplendor em toda a sua magnitude. No contexto da história da arte contemporânea, o muralismo mexicano inseriu-se nos debates acerca do papel da arte, situando-se entre as críticas ao academicismo do século XIX e o vanguardismo europeu do início do século XX. No entanto, o muralismo respondeu às especificidades do momento político mexicano, de acordo com as condições e objetivos próprios, ao retomar as preocupações do realismo de Coubert e Daumier voltado para a temática social e para a pintura de trabalhadores e camponeses em cenas cotidianas, sem se afastar dos debates da arte moderna. Ao criar soluções originais para o uso do espaço pictórico (obras monumentais), o muralismo rompeu com a arte de cavalete e incorporou novos materiais, ferramentas e técnicas ao processo de trabalho. (VASCONCELLOS, 2005, p. 289).

gia das crises da Revolução. Foi com essa Arte que o mexicano buscou a formação de uma nova identidade.

Sendo assim, a busca de uma identidade nacional fundamentava-se em novas bases, que coincidiam com o surgimento dos movimentos modernistas dos anos 20. Literatos e artistas plásticos se inspiraram nas vanguardas europeias da época, mas a busca de raízes nacionais implicou um processo de releitura da produção externa a partir das questões que se apresentavam nos diferentes países da América Latina. Esses movimentos destacam a agitação artística que permeou esse continente.

O objetivo principal dessa produção artística era a representação de uma nova forma de identidade voltada para as raízes do povo mexicano e para a cultura popular. Esses elementos culturais passaram a ser privilegiados após o final da Revolução (CAPELATO, 2005). A proposta de José Vasconcelos era causar impacto visual através de representações que retratassem a cultura indígena a partir de suas tradições, símbolos, mitos, ritos e expressões da vida cotidiana. Maria Helena Rolim Capelato mostra claramente sua intencionalidade:

Essa diversidade, ao invés de diminuir a sua contribuição em termos sociais e culturais, atesta a importância desses movimentos. O intenso intercâmbio cultural que permitiu a interlocução entre latino-americanos e europeus enriqueceu a produção artística da América Latina nesse período; ela foi produto de releituras originais das propostas europeias realizadas a partir de filtros nacionais ou regionais (CAPELATO, 2005, p.281).

Dessa forma, as obras de vários artistas conquistaram reconhecimento no exterior e exerceram influência mútua entre os países da região. Os movimentos no seu conjunto permitiram a renovação do campo cultural, levando à busca de origens, o que significou a tentativa de criação de novas formas, revelando, no entanto, a preocupação dos artistas com os problemas enfrentados no México, especialmente com a forma de desenhar uma nova identidade.

Em meio aos grandes conflitos dessa época, José Vasconcelos se utilizou do movimento educativo para buscar conceder o ensino participativo, no qual todos tivessem os mesmos direitos, assim, a fundação de várias escolas e de missões culturais, que afloravam buscavam atender aos povos mais afastados. Nessas mudanças, emergem as artes populares e a dança, esquecidas há muito tempo. Emergem as questões culturais que fizeram nascer a pintura mexicana contemporânea; a Lite-

ratura se subdivide em passado colonial e indígena; surge o romance da revolução.

O México, que outrora ficara aos olhos da ditadura, é redescoberto pelos olhos daqueles que se mostravam apaixonados por uma nova pátria e, como dirá Otávio Paz, “Filhos pródigos de uma pátria que nem sequer sabemos definir. Começamos a observá-la. Castelhana e mourisca, listrada e asteca”. (1976, p. 137) . Para Vasconcelos, essa nova visão de mudanças no país já se fazia presente há muito. Em sua obra *Ulises Criollo*, ele explicita o que fizera para se integrar nas ações revolucionárias que levaram o país a mudar sua estrutura política e social, assim como sua personalidade independente, protagonista de ideias ligadas ao mundo cultural já tinha o norte de suas argumentações nos povos latinos.

Esse seu universo espiritual foi também expressado através de suas *Memórias*. Nessas, vemos um ser humano que compartilha com seus amigos a honra de ganhar e perder, enfrentando seu próprio mito de verdade sobre a América Latina. Romilda Costa Motta ressalta que José Vasconcelos sempre usava seus textos como arma para demonstrar sua postura em relação à realidade política.

Suas afirmações apresentam-se num tom ainda fortemente maniqueísta, dividindo os personagens do cenário político e intelectual do México das décadas de 1920 e 1930, em lados opostos: “traidores” e “mártires de uma causa derrotada”. Como último recurso, afirma-se como profeta que não temia dizer a “verdade”. “Narrar a iniquidade” como forma de “combatê-la”. Por suas posições radicais sobre política e religião, ao longo das décadas de 1930 e 1950, há muito vivia uma espécie de ostracismo político, relegado a uma posição marginal. Da imagem de “mestre da juventude”, “apóstolo” ou “civilizador” pouco restava. (MOTTA, 2010, p. 48).

Para Romilda Motta, Vasconcelos não media esforços por seu país nem pela América. Interessava-lhe estar envolvido nas questões políticas relacionadas às premissas de que o continente seria reestruturado de acordo com certas objetividades nacionais voltadas para o povo, já que o México e mesmo a América Latina viviam um período de conflitos oportunos causados pelos colonizadores, que haviam estruturado o continente de modo a favorecer uma população elitizada branca, que não se desvinculava dos estereótipos impregnados nas lideranças dos anos contemporâneos. Sendo assim, as lutas faziam-se necessárias para garantir o não esfacelamento das forças produtivas pelas imposições políticas.

Vejamos, então, no tópico seguinte, como o México teve sua estrutura determinada a partir de um processo revolucionário no qual José Vasconcelos esteve de-

finitivamente envolvido.

1.2 A Construção de um Novo México: a Influência de José Vasconcelos no Processo Revolucionário

O México, que antes estivera perdido na dissimulação da ditadura, tendo como fator de herança colonial o problema agrário, passara a ser visto com outros olhos. A necessidade de estruturar esse novo México fez com que ocorressem vários conflitos decorrentes da Independência, Reforma Porfirato e Revolução. Em última instância, tratava-se de resolver os conflitos debelados pela peonagem, em síntese: ‘trata-se da estruturação do capital enquanto modo de produção, através de um processo descontínuo, conflitante: a dialética da Revolução’ (NUNES, 1999). Mostrar um México diferente, no qual a tradição era universal, não sendo esta uma forma hirta, seria redescobrir uma nova cultura que levaria todos a se reconhecerem como verdadeiros hispano-americanos.

As disposições vinculadas à Revolução Mexicana em 1910 levaram os mexicanos a conquistar sua primeira vitória com a derrubada do regime de Porfírio Diaz, governo que deu impulso real à criação das indústrias no México, atividade que levou ao país, empresários e financistas da Europa e Estados Unidos e fez com que o México desenvolvesse sua infraestrutura.

Este afluxo de capitais estrangeiros ajuda na criação de uma infraestrutura industrial, ainda que voltada para o exterior. Os financistas e empresários, promotores desta obra de industrialização, tomam conta das minas e fazem crescer sua produção graças à introdução de técnicas e de máquinas modernas. Mas, para fazer entrar no México seus artigos manufaturados e mercadorias, eles são forçados a ativar a construção de portos e de vias férreas. Assim, criam empresas de interesse público para assegurar a continuidade de sua penetração (NUNES, 1999, p. 40).

Conforme Américo Nunes, as vantagens do desenvolvimento férreo para o México foram importantes para colocar o país em contato com diferentes regiões, o que favoreceu a exportação de vários produtos, aumentando o valor da propriedade e fazendo crescer o pleito de mão de obra.

No entanto, a consolidação do movimento revolucionário foi difícil e lento, passando por fases em que se organizaram grupos de diferentes tendências. Dentre eles, um grupo de intelectuais se destacava por não estar ligado a políticos nem se interes-

sar em manter posicionamento ligado à educação, só pensava na Revolução das ideias ligadas ao pensamento de Kant⁶ e Schopenhauer⁷ e Nietzsche⁸.

Partindo dessa premissa, devemos considerar que Vasconcelos também estava ligado à nova corrente antipositivista. Ele via na educação um meio para solucionar os problemas sociais no México e afirmava ser essa a base para ampliar a economia e acabar com a corrupção. Exerce a crítica à ditadura. Condena a candidatura de Porfirio Díaz para presidência por perceber que ele era incapaz de enfrentar os desafios futuros.

Vasconcelos criticava a figura de Porfirio Díaz por este estar ligado ao positivismo que desprovia o povo. Em artigos, escrevia que o “porfirismo” era um cadáver faltando apenas enterrá-lo. Acreditava em “el porvenir” (VARGAS, 2010), um novo futuro para o México. Apoiava o presidente Francisco Indalecio Madero, porque acreditava na educação pública igualitária que favoreceria os povos indígenas, e suas pretensões para um futuro do povo mexicano soavam utópicas: um país sem exclusão, em que a educação solucionaria os problemas.

Em meio às conturbações políticas desse tempo e a incapacidade dos líderes de dar um sistema coerente às aspirações populares, a Revolução mexicana explodiu como um programa revolucionário de ideologias, um conjunto de planos e projetos, de manifestos díspares, cujo centro era a necessidade de mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas herdadas do antigo regime.

Consequentemente, a Revolução mexicana não é uma revolução sem ideias. Antes do movimento armado, sobretudo nos últimos cinco anos do porfirato, assiste-se no México a uma clarificação ideológica que ajuda o questionamento de certos dados. Esta atividade intelectual estabelece as bases para uma prática ideológica, a partir da qual a Revolução pode também ser pensada como projeto. No contexto socioeconômico e político do México do primeiro decênio do século XX, o Programa de 1906 do Partido Liberal, redigido entre outros por Juan Sarabia, Antonio Villareal, Ricardo e Enrique Flores Magón, se constitui numa premissa ideológica importante para a elaboração de um programa destinado “à classe mais numerosa do país. A constituição de 1917 não é mais que a síntese de programas, de planos e de programa-

⁶ - Kant foi o fundador da filosofia crítica. Estudou e lecionou em Königsberg na altura pertencente à Prússia Oriental (Alemanha). Conduziu conjuntamente seu ensino e a composição de suas obras. O conhecimento, a moral, o direito, a arte, a religião, nenhum desses campos escapava da extensão de seu pensamento e da profundidade de sua análise crítica. (VV.AA, 1997).

⁷ - Arthur Schopenhauer, considerado “acadêmico mercenário” e “sicário da verdade”, contra o otimismo de Hegel, sustenta que a vida é dor, a história é cego acaso e o progresso é ilusão. (REALE, 1991).

⁸ - Friedrich Nietzsche foi crítico impiedoso do passado e “inatural” profeta do futuro, dessacralizador dos valores tradicionais e propugnador do homem que estaria por vir. Possuía forte consciência do seu destino. (REALE, 1991).

ções precedentes, bem como da Constituição de 1857 (NUNES, 1999, p. 148).

Dessa forma, o programa da Revolução assinalaria tão somente a incapacidade das lideranças políticas mexicanas em criar estruturas ou um sistema coerente que estivesse voltado para os interesses populares. O que José Vasconcelos, semelhantemente, criticava no governo desse período era a falta de mecanismos que favorecessem e estivessem relacionados à diversidade mexicana. Para ele, Porfirio Díaz estava longe de ser o governo ideal de que tanto necessitava a população mexicana. Por causa da sua postura crítica às lideranças políticas, o intelectual mexicano chegou a ser perseguido pela polícia porfirista e teve de se refugiar em Nova York (VARGAS e URBIOLA, 2010, p.39).

Os conflitos se prolongaram ao longo dos anos após o início da Revolução. Representantes do grupo denominado constitucionalista assumiram o poder após derrotar os exércitos camponeses comandados por Emiliano Zapata⁹ um correligionário de Francisco Idalecio Madero González, mais conhecido por “Madero”, que liderava os camponeses ao Sul do Estado de Morelos, no México.

É importante evidenciar que o movimento zapatista buscava resgatar e afirmar que toda construção política deveria estar vinculada às raízes indígenas que verdadeiramente representavam a nação mexicana.

O movimento zapatista tende a retificar a história do México e o próprio sentido da nação, que já não será o projeto do liberalismo. O México não é concebido como um futuro a realizar, mas sim como uma volta às origens. O radicalismo da Revolução Mexicana consiste na sua originalidade, isto é, em voltar à raiz, fundamento único de nossa organização econômica e social, o zapatismo não só resgata a parte válida política colonial, como também afirma que toda construção política verdadeiramente fecunda deveria partir da porção mais antiga, estável e duradoura da nossa nação: o passado indígena. (PAZ, 1976, p. 130).

O autor rompe com a totalidade fundamentada no tradicionalismo de uma consciência hierarquizada que prioriza os interesses políticos, com os abusos do conservadorismo impregnado nacionalmente. Mostra o sentido mais profundo da necessidade de se voltar ao passado colonial, às raízes, para se construir uma política cor-

⁹ - Zapata e seus companheiros foram lançados na Revolução, não por terem sido eletrizados pelas palavras mágicas do “sufrágio direto” e da “não reeleição”, (...) mas porque acreditavam nas promessas agrárias (...), porque haviam efetivamente sido despojados de suas terras pelas autoridades e pelos hacendados do Estado de Morelos e acreditavam que a hora da justiça tinha chegado. (NUNES, 1999).

reta, sendo a Revolução Mexicana uma tentativa de reintegração aos princípios coloniais.

Outro correligionário que também foi sobrepujado e esteve ao lado dos camponeses foi Pancho Villa¹⁰, general constitucionalista que liderava os exércitos na divisão do Norte. Esse partidário tinha como finalidade acabar, com José Victoriano Huerta Márquez, com as pretensões políticas de Carranza, negociar com os zapatistas e eliminar as aspirações de Obregón. Na verdade, Villa, assim como Zapata, havia sido encorajado por idealismos revolucionários, cujas convicções eram desfazer de vez as apologias políticas estagnadas no México.

Para tanto, as movimentações políticas criaram concordatas entre representantes partidários e revolucionários que iriam favorecer os interesses de Álvaro de Obregón contra Venustiano Carranza, presidente do México à época. Obregón, um emergente rival militar e forte candidato à presidência mexicana, tivera suas aspirações políticas concretizadas em dezembro de 1920 (REED, 2010). A singularidade da Revolução refletiu os anseios dos revolucionários e as pretensões políticas de Álvaro de Obregón.

Para Américo Nunes, a eleição de Obregón fez surgir um novo líder no país, considerado um ideólogo progressista e ideologicamente reformista, que buscava unir os interesses do proletariado à burguesia produtiva e que modificaria toda estrutura política implantada no país.

Em meio a essas apreensões e mudanças, José Vasconcelos, que sempre esteve ao lado de Obregón, assumiu um cargo de fundamental importância com a posse do novo presidente: foi nomeado Secretário da Educação. Para ele, toda educação traz em si uma imagem de mundo e reclama um programa de vida (PAZ, 1976). Buscava acabar com o analfabetismo, pois pressupunha que assim todos seriam iguais e conquistariam seu valor na sociedade.

Membro de uma geração de inovadores de concepções idealistas, Vasconcelos se esforçou para conseguir redescobrir um “Novo México”, e foi através da reforma educacional, visando um ensino leigo, que ele buscou inovar o pensamento voltado não só para o povo mexicano, mas para toda a América Latina. Não sendo

¹⁰ - Francisco Pancho Villa – personagem histórico controvertido da Revolução Mexicana. Uma figura de lenda, na qual a história e a imaginação se misturam indissolúvelmente. Antigo ladrão de gado foi, sobretudo, uma força da natureza suscetível a ser um elemento de negação revolucionária em certas circunstâncias. Villa não é nem um ideólogo, nem político, mas é arrastado no turbilhão da ideologia política. (NUNES, 1999).

nem católico nem pertencente a nenhuma outra religião, queria fundamentar uma educação baseada em seus interesses revolucionários. Maria Helena Rolim Capelato argumenta que:

Como Secretário José Vasconcelos elaborou um programa de construção de murais e, para a realização dessa grande obra, convidou os pintores Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros, que estavam na Europa atuando junto com as vanguardas artísticas. O objetivo principal dessa produção artística era a representação de uma nova forma de identidade nacional voltada para as raízes do povo mexicano e para a cultura popular. Esses elementos culturais passaram a ser privilegiados após o final da Revolução. (CAPELATO, 2005, p.276).

A proposta de José Vasconcelos, segundo Maria Rolim Capelato, era causar um choque mental através de aspectos que retratassem a cultura indígena a partir de suas tradições, símbolos, mitos, ritos e expressões da vida cotidiana. Para ele, estar envolvido em movimentos sociais nos quais podia favorecer os interesses da população mexicana e torná-los reflexo para todo o povo latino-americano era propósito decisivo.

Como motivador de grandes transformações na sociedade mexicana, José Vasconcelos contribuiu para o crescimento da intelectualidade no país. Corroborou não só com o desenvolvimento da educação mexicana, mas também mudou a maneira de pensar da juventude no país, a partir de suas lutas e contribuições a favor da valorização dos povos indígenas e do trabalho feito enquanto Secretário da Educação. Rafael Vargas e Xavier Guzmán Urbiola ressaltam que a preocupação com a valorização da vida e o respeito às diferenças culturais levaram Vasconcelos a se tornar um ícone das novas linhas de pensamento.

Apesar de sua utopia em relação a uma raça mestiça e única, ele esteve em meio aos acontecimentos políticos que movimentaram a sociedade mexicana e modificaram o arcabouço social do México. Seus projetos de construção de escolas e bibliotecas incentivaram muitos mestres missionários a levar uma proposta de educação para comunidades mais afastadas. Sua firmeza e determinação rompiam com os paradigmas impregnados no meio político daquela época, despertando boas e más impressões quanto à sua pessoa. Mesmo assim, ele tinha certeza de que o caminho para a mudança seriam os processos voltados para a educação.

As obras mais patriotas e eficazes em matéria educativa é construir; mas

construir um sentido de edificar; não como frequentemente usamos a palavra quando dizemos que se constrói porque um funcionário muda os planos que seu antecessor deixou, também mudam os formulários em papel. Para que a civilização se organize sobre as bases fundamentais, é necessário construir a verdade, pondo pedra sobre pedra. (VARGAS, 2010, p. 74).

Todavia, esse horizonte de expectativa articulava uma larga preocupação: um futuro próspero era o que almejava o grande idealizador, um México liberto das mazes elitizadas impostas pelos colonizadores. Fazer algo totalmente diferente para a construção de um novo país, de uma nova América, era o que vislumbrava José Vasconcelos.

Para ele, uma nação se constrói a partir da “educação”, sendo necessário em seus quadros um sentido patriota que edifique o povo e dê a ele convicções de um futuro próspero. Pode-se dizer, então, que as ideologias plantadas por Vasconcelos no final do século XIX estiveram entretidas nas diligências que ele compreendia serem essenciais para a nação americana naquele período e estas tornaram-se fecundas mais tarde, brotando no campo social, econômico e sobretudo ideológico, tendo como prática a transformação estrutural da América Latina.

1.3 O México e as Cinzas da Revolução

O México é um exemplo do que aconteceu com outros países na América Latina, isto é, a busca da formação de uma identidade nacional levou o país a conflitos decorrentes da soberania imposta nas bases da sociedade latino-americana. Sendo assim, não só o México, mas outros países latino-americanos apresentaram fortes movimentos sociais que reivindicaram e lutaram com o objetivo de mudar toda a estrutura na América Latina no final do século XIX e início do século XX.

A luta do campesinato era uma esperança de mudança desde o século XIX, uma batalha antiga, que buscava na Revolução suporte para melhorar a vida através da Reforma Agrária. Além dessa particularidade, o movimento também foi sinônimo de rompimento com os anos de ditadura do porfirato - já que ela se arrastou por vários anos - e representava os anseios das camadas populares, um caminho para mudanças estruturais no país.

Desse modo, a Revolução esteve ligada a acontecimentos políticos e sociais que, mesmo após o período de conflitos entre as forças revolucionárias e o governo, a

conflagração em solo mexicano, não desapareceram por completo. As complicações tornaram-se inevitáveis, pois os governantes usurpavam todo e qualquer mecanismo que estivesse voltado para favorecer o povo, estabelecendo uma política na qual os interesses da população se adequavam aos de uma elite tradicionalista intrinsecamente ligada ao passado pré-revolucionário.

Percebemos, então, que, neste século, não havia sido possível conquistar espaço para as exigências da população. A América Latina não havia consolidado sua identidade nacional de maneira libertadora.

A questão nacional foi, por excelência, a colocação do campesinato em oposição a uma estrutura industrial no México. Isso levou o governo a uma série de providências que organizassem as bases sociais no país. Rubim Santos Leão de Aquino ressalta as conjunturas que o México vivenciou voltadas para os interesses populares.

A Revolução popular obrigou o governo a decretar uma série de medidas que regularam a distribuição das terras improdutivas, aboliram a peonagem, melhoraram as condições de vida de trabalho dos operários nas indústrias e protegeram a causa do sindicalismo. (AQUINO, 2007, p. 554).

Essas concessões intituladas nacionalistas remontaram toda a estrutura neoliberal revolucionária, buscando propor uma política econômica e social. A partir dos anos 20, com a morte do presidente Venustiano Carranza e a eleição do general Álvaro de Obregón, termina a primeira fase da Revolução mexicana. Todavia, começaram a surgir novas inquietações no país - os governantes anteriores haviam deixado o país em uma situação bem complicada frente às organizações estrangeiras. Por causa das lutas internas, a desestruturação no México era bem visível:

[...] A situação econômica do país nesse período era particularmente difícil. O México pouco se beneficiou da grande procura de matéria-prima originada pela primeira Guerra Mundial. Devido às lutas internas da década revolucionária, importantes setores da economia estavam destruídos ou paralisados, a inflação era galopante e cresciam as despesas com a aplicação da reforma agrária. Não havia um só setor da economia que não estivesse dominado pelo capital estrangeiro. (AQUINO, 2007, p. 558)

Da contribuição de Aquino, percebemos que o governo procurava superar os problemas decorrentes da Revolução. Buscava nacionalizar algumas das principais empresas estrangeiras, constituindo um processo reformista no país. E foi em meio a essas novas oligarquias que José Vasconcelos se destacou: ele propôs e lançou a

campanha contra o analfabetismo. Com o fim dos conflitos revolucionários, segundo ele, seria necessário buscar na educação as bases para a reestruturação do país, apesar de concluir que o estado mexicano que nascera da Revolução estava longe de realizar as utopias democráticas sonhadas e desejadas pela classe popular e por suas lideranças e intelectualidade progressistas. Podemos dizer que o povo se destacava mais por suas manifestações culturais, diferentemente de outras grandes revoluções do século XX, como as da Rússia, da China e a de Cuba. Através dessas manifestações, José Vasconcelos favorecia o encontro com o popular e buscava incorporar, através da pintura muralista, as tradições do povo mexicano.

Sabe-se bem que foi a partir da Revolução que o muralismo ganhou força e muitos intelectuais se utilizaram dessa arte para expor suas certezas quanto ao destino da população não só mexicana, mas de toda a América Latina.

A incorporação das tradições populares na arte do século XIX, a laicização dos temas, a busca de um perfil cultural próprio e a revalorização da arte pré-hispânica prepararam o terreno ou deixaram a “mesa posta”, conforme Orozco, para que o movimento muralista eclodisse com todo o seu impacto no século XX. A pintura mural mexicana teve início oficial nos anos 20 do século passado como “filha da Revolução de 1910”, e foi a principal corrente estética da arte moderna no México, com grande repercussão por todo o continente americano e mesmo na Europa. Não que a Revolução por si só tenha gerado a arte mural, que já estava em estado embrionário, mas, com certeza, foi ela que permitiu sua emergência e esplendor em toda a sua magnitude. (VASCONCELOS, 2005, p. 287).

Podemos notar que, no pensamento de Camilo Vasconcelos, esse movimento é a primeira articulação continental dos intelectuais na América Latina. O país que outrora estivera nas mãos da burguesia latifundiária, começava a caminhar rumo a uma nova era, apesar dos conflitos deflagrados pelos movimentos revolucionários. O México conseguiu superar gradativamente as mazelas de uma política autoritária, de um processo que se arrastou por muito tempo e que explorou a população mesmo após anos de revolução. No entanto, o muralismo respondeu às especificidades do momento político no México e Vasconcelos, através da educação pública, esteve atento a esses movimentos artísticos que surgiam com o intuito de mostrar uma nova consciência mestiça, realidade do continente naquele período.

Com as modificações decorrentes dos movimentos e lutas constantes, o país renasceu com as cinzas da Revolução Mexicana. Todavia, apesar das inovações revolucionárias, a supremacia governamental não permitiu que as classes populares

assumissem de fato o poder.

Mesmo assim, Camilo Vasconcelos nos mostra que os movimentos intelectuais ganharam força e buscaram mostrar características exclusivamente americanas, e a exaltação do indígena visto como o primeiro e original habitante dessas terras. José Vasconcelos ressalta ainda que “o edifício anunciava a aurora de uma nova era, em que o México, por fim, ofereceria sua própria voz a uma cultura comum da humanidade” (VARGAS e URBIOLA, 2010, p.55).

Portanto, podemos perceber que as tentativas de aprofundar as questões sociais sempre estiveram presentes nos movimentos e lutas geradas no país e que essas tiveram como objetivo buscar uma valorização social que estivesse voltada para os interesses não só do país, mas que se refletisse em todo o continente latino-americano.

Também pelo exposto, compreendemos que a consciência histórica mostra o sentido da busca de definir a identidade presente, ainda que o envolvimento de José Vasconcelos com as questões políticas, sociais e culturais nacionais constituam características marcantes em suas obras. Cabe então considerar como se pode utilizar o contexto histórico para pensarmos a construção de uma identidade mestiça.

São justamente as considerações do inter-relacionamento das diferentes formas de pensar a construção de uma identidade baseada nos acontecimentos culturais, ou seja, nos critérios de definição ligados às mudanças políticas e sociais, que nos levam a pensar a construção da identidade mestiça latino-americana. Sendo assim, no próximo capítulo discutiremos algumas narrativas que estiveram efetivamente ligadas ao aspecto intelectual voltado para a construção dessa identidade.

2 A INTELLECTUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA

Na discussão do contexto histórico latino-americano do início do século passado, entender os movimentos intelectuais que surgiram a partir do final do século XIX e início do século XX é de fundamental importância para que possamos perceber os acontecimentos e debates que estiveram ligados às mudanças políticas, sociais e culturais da época na América Latina. Contudo, estabelecer critérios de definição para o vocábulo “intelectual”, conforme diz Helenice Rodrigues da Silva (2002), é complexo, pois é importante ressaltar que diferentes épocas¹¹ fornecem distintas representações desse personagem.

Para Jean – François Sirinelli, o termo intelectual possui dois sentidos:

[...] é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. (SIRINELLI, 1998, p. 242).

A noção de intelectual para Sirinelli possui um caráter polissêmico. Em acordo com ele, podemos dizer que as invariantes relacionadas à definição de intelectual possuem um aspecto diversificado, dependente do nosso olhar, da abordagem expressiva que constitui as bases dessa definição. Portanto, dizer que há uma definição do que é ser um intelectual dependerá do ponto de vista e do meio em que se insere a pessoa em questão. Por outro lado, podemos utilizar a argumentação feita por Helenice Rodrigues da Silva sobre o conceito de intelectual. Para ela, o conceito está ligado a uma especificidade por excelência histórica. Tal ideia vem dos aportes franceses, que emergiram de um fundo cultural e da formação político-social e, nesse sentido, o intelectual está mais ligado à cultura de seu tempo, e não a um conceito geral.

¹¹ - Como sinônimo de clérigo, o intelectual conota certa sacralidade. Uma primeira resposta pode ser encontrada na gênese do personagem intelectual. Seus ancestrais encarnavam uma função sacerdotal, “a dos sacerdotes mágicos, enunciadores da verdade sagrada, produtores/guardiões dos mitos”. No final da Idade Média, com a laicidade da vida cultural, os clérigos leigos eruditos substituíram os clérigos da igreja. A partir de então, o termo clérigo começa a designar o “homem da cultura”. Por outro lado, o Século das Luzes forja um outro modelo de “intelectual” moderno, devoto ao culto da razão, que seria o escritor jurista da idade clássica. É somente no final do século XIX, durante o Caso Dreyfus, que o intelectual, tal como concebemos no presente, faz o seu aparecimento na história. (SILVA, 2002, p. 14).

Pensar em intelectuais como autores da política na década de 1920 é um tanto quanto complexo. Foi através dos movimentos artísticos do final do século XIX e início do século XX, que os intelectuais da época começaram a inovar através da pintura e da literatura. Para Camilo Vasconcelos, eles “incorporavam as tradições populares e a laicização dos temas, a busca de um perfil cultural próprio, e a revalorização da arte pré-hispânica prepararam o terreno ou deixaram a “mesa posta” (2005, p. 289). Seria esta uma nova maneira de repensar as especificidades culturais no continente, não só no Continente Americano, mas em outras localidades, como na Europa. Fredric Jameson faz uma análise dessa questão:

[...] a discussão do debate deve ser repensada as relações entre poesia e política: ou entre crítica literária e política em uma situação em que, cada vez mais, ninguém mais quer pensar sobre as relações, porque é proibido abordar questões “intrínsecas” as políticas sociais e históricas junto com textos poéticos e verbais. (JAMESON, apud : RETAMAR, 2005, p. 11).

Os pensadores cubanos Vargas e Urbiola (2010) nos mostram que fazer uma ligação entre poesia e política seria uma forma de criticar, através da literatura, a política em questão, isso em um período em que as particularidades de um povo estiveram condensadas nos valores impostos por um regime ditatorial. José Vasconcelos se insere neste contexto, através de suas obras literárias e de sua filosofia latino-americana, para produzir um sistema original para o qual não encontrou discípulos, porque as correntes filosóficas dos anos de 1920 e 1930 eram outras (VARGAS E URBIOLA, 2010). O que as correntes filosóficas da época queriam era que o mexicano limitasse e distorcesse suas obras para interesses ligados à religião e às tendências metafísicas, centradas em outros temas.

Percebemos então que as dificuldades para se tornar um intelectual não estão apenas na nomenclatura ou na relativa especificidade da ação (SIRINELLI, 1998). O processo de construção e recriação de valores faz dos intelectuais verdadeiros mineradores, que correm o risco de se verem sufocados em meio aos estudos que são por eles utilizados como instrumentos de investigação. Daí a singularidade dos movimentos diversos que acabam por mostrar uma ampla abordagem quanto ao papel dos intelectuais na construção da identidade nacional.

Portanto, em relação à construção histórica, sabemos que ela constitui o processo de atribuições de sentido, lugar onde se manifesta o juízo seletivo do passado. Frente a essas indagações, entender a formação de uma identidade nacional

revela uma busca processual na qual as representações são expressas diversificadamente. É nesse amálgama intrínseco que vislumbraremos o tópico a seguir acerca da importância do intelectual e dos movimentos modernistas para a construção da identidade na América Latina

2.1 Os Intelectuais no Novo Mundo

Numerosos têm sido os trabalhos que buscam mostrar um amplo relacionamento entre a cultura e as diversas atividades intelectuais e a política latino-americana.

A maioria dos intelectuais e artistas, representantes do modernismo latino-americano dos anos 1920, viveu na Europa num momento de efervescência cultural que se intensificou no pós-Primeira Guerra. Eles incorporaram novas ideias e técnicas a partir do contato com representantes das vanguardas europeias de diferentes tendências. O tema da identidade nacional ou regional está implícito nas obras de grande parte dos pintores modernistas da América Latina desse período. Pretendo analisar algumas de suas obras que expressam a preocupação com a busca de raízes. (CAPELATO, 2005, p. 252).

A autora argumenta que essa efervescência modernista foi decorrente de um período no qual a estrutura nacional europeia passava por modificações do período de guerra, uma época propícia aos movimentos modernistas que surgiam advindos das necessidades de mudanças em toda a esfera global. Na América, a questão voltada para a construção da identidade nacional circundava por entre aqueles que buscavam modificar a estrutura governamental eletrizante. Complementa Walter Mignolo:

Os velhos territórios coloniais espanhóis, conceitualizados como “Índias Ocidentales”, e o quarto continente imaginado como “América” dentro da divisão cristã do planeta em três continentes antes de 1500 (divisão que denominou o imaginário geopolítico do mundo colonial/moderno até o fim do século 18) começaram a mudar, devido à emergência de uma nova comunidade de intelectuais (os intelectuais do Novo Mundo), para os quais a “América” e seu futuro se tornariam autônomos em relação à Europa. Em outras palavras, a independência política foi acompanhada por uma independência simbólica na imaginação geopolítica. (MIGNOLO, 2003, p. 191).

A verdade é que, para Walter D. Mignolo, a partir do século XX, os intelectuais que emergiam na América Latina buscavam a descolonização do continente. Suas

reflexões eram decorrentes das tensões entre o pensamento marxista e as questões indígenas, sendo este um problema histórico-cultural relevante para a identidade continental. Partiam do horizonte colonial da modernidade, ou da estrutura colonial e do imaginário de sistema mundial moderno e sua divisão hierarquizada. Os acontecimentos nacionalistas e as tendências modernistas ganharam força, se imbricaram, e o que outrora ficava no enlace dos países colonizadores começou a ganhar maior autonomia.

É nesse campo da modernização, da reforma e da revolução que José Vasconcelos buscava mostrar como a intelectualidade se apresentava em meio aos acontecimentos dos anos de 1920. Estar envolvido politicamente fazia-se necessário, já que o norte do pensamento intelectual da época estava voltado para a descolonização nacional. Desse modo, era necessária a conscientização em massa da necessidade de mudança na cultura nacional, ou, poderíamos dizer, de uma República Crioula em contraste com a alternativa de uma Monarquia Crioula. A temática do nativismo ou criollismo formava o discurso dos intelectuais latino-americanos da época.

Contudo, a possibilidade da inserção do pensamento de que a descolonização¹² da América não tenha ocorrido integralmente nos mostra que o continente foi construído como se fosse uma extensão europeia. A grande diversidade cultural e racial predominante gerava conflitos entre as classes hegemônicas nos países latino-americanos. A partir dessa análise podemos ter a convicção de que os intelectuais no novo mundo estiveram envolvidos nos acontecimentos políticos como tentativa de colaborar com a busca de alternativas que possibilitassem modificações ou, de forma sucinta, reestruturassem todo o processo social e econômico do continente latino-americano. Mesmo com esse delineamento acerca do sentido de ser intelectual, ou a colonialidade de poder que os intelectuais das Américas combatiam e rejeitavam, José Vasconcelos mostrou-se firme em seu pensamento. Ele nos expõe sua personalidade imprescindível de crítico diante dos problemas sociais do México, mesmo com toda a dificuldade e oposição que teve ao seu pensamento. Vasconcelos evidenciou com firmeza ser um intelectual convicto de suas ideologias.

¹² - Sobre o processo de descolonização da América, Ver: MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais / Projetos Globais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

As dúvidas foram anestesiadas com as discussões pseudofilosóficas do nosso Cenáculo literário. No caso permaneceu o núcleo do nosso grupo, mas com os tempos, seu caráter insociável e apático não tinha mantido alianças sem a colaboração de Henriquez Urena. Educado em escolas do tipo antigo, completamente inconsciente da teoria científica e processo de pensamento filosófico. Na formação literária, em vez disso, destacou-se Por sua iniciativa entrou em nosso círculo, muito abstrato, à moda de Walter Pater. Seu livro dedicado ao platonismo durante muito tempo conduziu-nos através dos *Diálogos*. Líamos estes em edições inglesas da Jewett. Na biblioteca em casa e na casa de Alfonso Reyes, cercados de livros e obras célebres, descobrindo sobre todos os temas do mundo. (VASCONCELOS, 2006, p. 229).

Para José Vasconcelos, ser intelectual era estar ligado aos acontecimentos do continente e do mundo, aos reflexos que as peculiaridades políticas proporcionavam. Portanto, ser intelectual “É uma questão de qualidade de vida” (SIRINELLI, 1998).

José Vasconcelos articula as tradições na América Latina, na medida em que era possível problematizar a pluralidade de acontecimentos políticos, sociais e culturais relacionados à intelectualidade nos anos de 1920. Proponho, portanto, aqui, um esboço de abordagem dos pontos que estiveram diretamente ligados aos acontecimentos nos anos que norteiam esta pesquisa e nos anos anteriores a ela.

Destaco, no próximo tópico, um cenário de apontamentos que poderiam ser interpretados para discorrer sobre as contribuições de alguns pensadores que estiveram envolvidos com o desenvolvimento dos povos no continente latino-americano. Pretendo articular o contraponto de argumentos em relação à natureza da América e ao pensamento de José Vasconcelos, na medida em que for possível problematizar a pluralidade de contextos sobre a visão de intelectual que o antecede. Sem isso, não se entende a possibilidade de algumas definições suas voltadas para a construção do homem na América Latina.

2.2.1 A Natureza Enferma da América

Diante da necessidade de trabalharmos algumas questões relacionadas à construção de uma identidade mestiça na América Latina, faz-se necessário analisar o pensamento europeu diante do Novo Mundo. Entre as teorias aferidas, discutiremos as proposições depreciativas e raciais do pensamento de Corneille de Pauw (1739-1799), suas considerações densas e afrontivas para com a América Latina, o que, conseqüentemente, o tornou um dos maiores responsáveis pela banalização da

América e por um pensamento que a influenciou no que toca às interpretações pejorativas que lhe foram feitas. Por fim, concluiremos com algumas discussões relacionadas ao Darwinismo Social. Ele formava o cenário intelectual latino-americano.

Esses pensamentos foram aferidos por Antonello Gerbi (1996) em seu livro *O Novo Mundo: História de uma polêmica* (1750 – 1900). Ele ressalva concepções relacionadas à inferioridade da América Latina a partir de várias teses, inclusive as de De Pauw.

Essa análise pejorativa se deu pela apreciação do homem americano mestiço. A crítica depreciativa de De Pauw muito contribuiu para a construção dos estereótipos mestiços do americano. Suas obras são exacerbadamente radicais, desfavorecendo a construção da mestiçagem.

As teorias mencionadas se fazem importantes para que possamos enxergar o que José Vasconcelos pensava delas e de que modo as contradizia em suas obras, principalmente em *La Raza Cósmica*, bem como de que maneira essa obra norteou as pesquisas voltadas para o estudo da identidade na América Latina. Buscaremos mostrar como o pensamento do autor contribuiu para que se pudesse construir o ideário da mestiçagem latino-americana em um período no qual as discussões estavam centradas no processo de racialização dos grupos humanos. Visão mestiça e singular que, segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), não ficava restrita aos circuitos internos do debate, mas estava presente na imagem que se vinculava à interpretação de vários naturalistas que estiveram no continente ao longo do século XIX. Eles vieram à procura de espécies raras da flora e da fauna e se depararam com o espetáculo dos homens e da mistura de raças.

2.3 O Discurso Naturalista: a Degeneração do Continente Americano

Corneille De Pauw (1739-1799) é um naturalista francês, depreciativo das concepções de formação da América Latina. Suas teses são bem radicais quanto às especificidades de construção da população americana. Sua obra sobre a espécie humana, de 1768, intitulada *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants*, atribui ao homem americano um ser sem fé, descrente das leis que regem a sociedade e os aportes de educação, com costume hostilizado. A

análise De Pauw quanto ao continente americano é mais radical que a de Buffon¹³. Para ele o homem sem cultura não é nada. Essa analogia alcança o ápice de degeneração no que corresponde ao “ser” americano (GERBI, 1996, p. 56).

Sobre essa argumentação, Lilia Shwarcz (1993, p. 46) nos mostra que “De Pauw não acreditava que os americanos não eram apenas “imatuross”, como também “decaídos”, confirmando sua tese de “fé no progresso, e falta de fé na bondade humana”, mas, deixava transparecer então um antiamericanismo sobre o Novo Mundo”. Ainda para Shwarcz, De Pauw considerava o americano como débil por estar corrompido, e inferior por estar degenerado. Para De Pauw o homem americano se caracterizava da seguinte forma:

Aqueles homens estão piores que os animais. São tão débeis que “o menos vigoroso dos europeus sem esforço os deitaria por terra em uma luta”, possuem menos sensibilidade, menos humanidade, menos gosto e menos instinto, menos coração e menos inteligência, numa palavra, menos tudo. São como bebês raquíticos, irreparavelmente indolentes e incapazes de qualquer progresso mental. (Apud GERBI, 1996, p. 58).

Segundo De Pauw, mesmo com tamanha inferioridade, o homem americano não poderia ter sofrido agressão por parte de seu colonizador. O fato de sua submissão não justificava o horror da guerra e a degradação no continente americano. Para ele, a natureza no Ocidente era imperfeita, decadente (apud GERBI, 1997, p. 57). E nos mostra ainda que, para o mestiço, a condenação era um tanto quanto pior, pois os mestiços possuíam os vícios das nações, por causa de sua mescla (Idem. p. 96).

De Pauw tinha um pensamento bem pessimista quanto à nação americana: tudo era “degenerado ou monstruoso”, principalmente no que se referisse ao mestiço. Colocava a população em implícita barbárie, numa discussão polarizada quanto ao pensamento de Buffon, pois, para ele, o continente americano vivia sob um espírito de carência, tudo advindo do fato de existirem espécies menores, com o homem vivendo concepções étnicas culturais estritamente etnocêntricas (SCHWARCZ, 1993, p. 46).

Podemos perceber que, quando Buffon destacou a tese da debilidade ou ima-

¹³ - Georges-Louis Leclerc Buffon (1707-1788) foi um naturalista francês que, em meados do século XVII, desenvolveu a tese da inferioridade das Américas. Ele afirmou que “a natureza, ao recusar as potências do amor ao homem indígena, maltratou-o e apequenou-o mais que a qualquer um dos animais” (GERBI, 1996, p.21).

turidade do continente americano, assegurava que o continente era mais jovem, constituindo-se num ambiente muito frio e úmido, inóspito para o pleno desenvolvimento da natureza vivente (GERBI, 1996). De Pauw definia os homens americanos como naturalmente brutos, selvagens e primitivos, provocando as mais incisivas reações e polêmicas. Esse amálgama de pensamento esteve no século XIX, período em que os interesses europeus se faziam presentes para a conquista das terras americanas.

Segundo Gerbi (1996), “a debilidade ou inferioridade do Continente” levou os europeus a tentarem sobrepujar os direitos legais dos nativos com pretensas leis geográficas. Utilizavam essa desinquietação moral e a ciência natural para engendrar com facilidade o processo de colonização da América. (1996, p. 74).

Podemos compreender o impacto decisivo das teorias de inferioridade e de imaturidade aferidas à natureza americana, na segunda metade do século XVIII, pelo pensador europeu De Pauw: suas teorias pautavam-se na afirmação de uma estreita conexão orgânica do ser vivo com a natureza, de forma determinista; procuravam responder questões elaborando conceitos que afirmavam a caracterização negativa do continente americano. Importava, dessa forma, enfatizar o potencial e as virtudes da natureza local de degeneração.

Porém entende-se que De Pauw tenha um pensamento um tanto quanto intrincado no que se refere ao interesse do europeu pela América. Ele condena-o. No entanto, corrobora o fato da conquista e é nítida sua legitimação dessas pretensões. (GERBI, 1996, p. 58).

José Vasconcelos reage criticamente às ideias propagadas por autores como De Pauw, que condenavam a América ao limbo. Vasconcelos nos remete a uma visão futurista da humanidade, em especial da latino-americana; ele vislumbra um continente mestiço no qual surgiria uma nova raça. Para Vasconcelos, a América Latina seria um lugar sem tanta exclusão, no qual todos os povos viveriam em harmonia. Ele pensava na mestiçagem como favorável à América e ao seu progresso. Mesmo que estivesse em lugares distintos, suas obras serviriam para ajudar a entender as fragilidades ocorridas no período de colonização. Poderíamos dizer então que a tese de De Pauw estava inteiramente ligada ao discurso colonialista europeu na América, isso a partir da mestiçagem como processo fundamental para a formação da identidade latino-americana.

2.4 O Darwinismo Social: a Extirpação da Raça Latino-americana

O espaço europeu, como havia acontecido com os espaços americanos, foi marcado pela desagregação dos impérios multiculturais, étnicos e religiosos, com uma territorialidade descontínua, e pela constituição, nas suas ruínas, de unidades políticas nacionais.

Nessa perspectiva, os conceitos retirados da obra de Darwin para a interpretação das causas do atraso social de alguns povos ficou conhecida como Darwinismo Social ou teoria das raças. Para os partidários dessa corrente de pensamento, as coletividades humanas, assim como as demais espécies animais, deveriam passar por estágios evolutivos fixos, aprimorando as suas qualidades em cada uma dessas etapas.

O Darwinismo Social está relacionado às teorias de Charles Darwin que, segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993, p. 18-19), adotou o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematizassem as implicações negativas da miscigenação: seria a dominação do mais forte sobre o mais fraco. Assim, para melhor entender a construção da América Latina baseada na teoria de Charles Darwin, Antonello Gerbi aponta que:

No clima de otimismo e progresso evolutivo próprio dos novos tempos, a teoria, que em um primeiro momento fora radicalizada a ponto de condenar todo o Continente a uma decadência e corrupção fatal, resolvia-se e servia de pilastro para uma grandiosa construção sistemática em que todas as espécies, de todas as partes do mundo, desenvolviam-se em formas sempre mais aperfeiçoadas (GERBI, 1996, p. 347).

De forma comparável, segundo os argumentos do Darwinismo Social, os povos que não seguissem esse padrão tenderiam a desaparecer por determinação natural. A população na América Latina seria extirpada, por ser considerada de uma raça inferior, se o mais forte domina o fraco. José Vasconcelos contradizia esse argumento radical quanto à análise do comportamento das sociedades humanas e que demonstrava de forma errônea a problemática da inferioridade das raças distintas.

Então, pois, a doutrina política reinante reconhecerá a legitimidade dos mestiços e com eles se sentirão as bases de uma fusão interracial reconhecida por direito. Quanto a isto se acrescenta que as comunicações modernas tendem a suprir as barreiras geográficas e a educação generalizada contribuirá e elevará o mesmo o nível econômico de todos os homens, e se compreenderá

que lentamente desaparecerão os obstáculos para a fusão acelerada das estirpes. (VASCONCELOS, 2010, p. XV).

Segundo Vasconcelos, a mescla da sociedade seria inevitável, ocorreria naturalmente, a começar pelo indígena e o branco. Posteriormente, o negro se juntaria a essa escala. A civilização latino-americana seria o resultado posterior da miscigenação, dos vários povos pertencentes ao continente americano e a doutrina reinante, a mestiçagem, seria legitimada. Para Lilian Schwarcz (1993, p.56), o darwinismo político significou uma base de sustentação teórica a uma prática de cunho bastante conservador, o que acabou por influenciar o pensamento social. Isso diferentemente das pretensões do Darwinismo Social, que atentava para o processo de mestiçagem decorrente da mistura de raças, revelando novos desdobramentos a serem pensados.

Porém, não podemos deixar de mostrar que as teorias darwinistas foram conturbadas por diferentes teses que se mostravam contrárias ao pensamento de Darwin. Para tanto, podemos destacar Gustave Le Bon¹⁴, que mostrara em seu diálogo argumentos contrários à evolução humana, pensamento que se assemelhava à discussão de José Vasconcelos.

Baseando-se em critérios anatômicos, como a cor da pele, a forma e a capacidade do crânio, é possível estabelecer que o gênero humano compreende muitas espécies separadas e provavelmente de origem muito diferente. (SCHWARCZ, 1993, p. 63).

Lilian Schwarcz afirma que as relações humanas estariam em seu pensamento demasiadamente ligadas ao comportamento de outros animais. Essa seria a dialética mostrada por Le Bon, que passou a empregar a palavra *raça* no lugar de *espécie*.

Para ele, a característica principal do Darwinismo Social seria a afirmação de que o resultado de uma união mestiça levaria à degeneração da raça e a tornaria mais fraca, o que José Vasconcelos não confirmava, até porque acreditava na mestiçagem como o processo que levaria à união dos povos e formaria deles uma só raça.

Percebemos então que, naquele período, a mestiçagem não seria tão viável para a sociedade, pois a mescla de seres distintos e considerados inferiores levaria

¹⁴ - Gustave Le Bon, segundo Lilia Schwarcz (1993), era um poligenista e foi um grande vulgarizador de talentos alheios. Divulgou na mesma época sua teoria que correlacionava raças humanas com espécies animais.

à extinção das espécies dadas assim como atraso social, sem qualidade intrínseca humana, ou seja, sem os atributos da raça branca considerada civilizada (SCHWARCZ, 1993).

Refutando esse pensamento, José Vasconcelos afirmava que “as distintas raças do mundo tendem a misturar-se cada vez mais, até formar um novo tipo humano composto com a seleção de cada um dos povos existentes” (2010, p. xv). No amálgama de todas essas cores e caracteres se instituía na evolução da raça o reino da mestiçagem. Podemos dizer, portanto, que a mestiçagem era entendida como próspera na América Latina.

A filosofia ibero-americana de Vasconcelos vislumbrou uma ideologia positiva para o futuro da nação na Latino-América. Ele foi um dos poucos pensadores que ousou fazer essa análise em suas obras.

No período que abrange esse contexto, veremos a articulação entre os contextos macro e micro, respectivamente América Latina e México. Perceberemos que, segundo a argumentação do autor, havia grandes diferenças e semelhanças que possibilitariam aos representantes buscar medidas para serem implantadas na vida política, social e econômica da América Latina. Portanto, para pensar a identidade latino-americana, Vasconcelos realizou algo que Renato Ortiz sintetizou muito bem:

A temática da mestiçagem é neste sentido real e simbólica; concretamente se refere às condições sociais e históricas da amálgama étnica que transcorre no Brasil; simbolicamente conota as aspirações nacionalistas que se ligam à construção de uma nação brasileira. (ORTIZ, 2006, p. 21)

A consciência explícita de construção de uma identidade nacional mestiça é tratada por José Vasconcelos como constitutiva do povo latino-americano, mas questionada por um pensamento estigmatizante, que percebia o elemento mestiço como ser inferior. O ideal do nacional tornou-se, então, uma ideologia dos projetos de branqueamento da sociedade latino-americana. Ao longo do tempo, construiu-se um Estado Nacional como intenção, não com base na realidade cultural do povo latino-americano.

2.5 Mestiçagem: uma Metáfora que Exprime a Unidade Humana

De forma sucinta, esta pesquisa está voltada para o contexto intelectual que

permeou os acontecimentos que envolveram o fim do século XIX e começo do XX, período em que Vasconcelos esteve inserido. Nessa época, ocorreu um processo de transformação cultural, conforme vimos: as identidades nacionais e as lealdades políticas na América colonial foram os resultados de um lento processo de transposição e adaptação do imaginário comum do Antigo Regime europeu às questões americanas.

A história passou a ser vista como ciência e seus paradigmas nos remetem a aspectos que se relacionam à construção da identidade nacional. Quanto a isso, Benedict Anderson diz:

A configuração original das unidades administrativas americanas era, em certa medida, arbitrária e fortuita, assinalando os limites espaciais de determinadas conquistas militares. Com o correr do tempo, porém, elas desenvolveram uma realidade mais estável, sob a influência de fatores geográficos, políticos e econômicos. A própria vastidão do Império hispano-americano, a enorme variedade de seus solos e climas e, sobretudo, a imensa dificuldade de comunicações numa era pré-industrial contribuíram para dar a essas unidades um caráter de autossuficiência. (ANDERSON, 1983, p.64.).

Na verdade, tratava-se de um resgate do sentido e podemos dizer que o processo mais marcante foi a constituição dos Estados-nação modernos, paralela à constituição dos métodos científicos das ciências.

Mesmo assim, a naturalização da cultura popular fez com que o termo raça aparecesse pela primeira vez na obra de Georges Cuvier (1795), nos primeiros anos do século XIX. Cuvier agrupava categorias e classificava os grupos étnicos seguindo o modelo comum - a ideia era de que a espécie humana poderia ser dividida em subspecies, assim como o mundo dos outros animais, e de que essa divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de habilidades psíquicas e intelectuais.

Tão logo se inicia o século XIX, a noção da igualdade, essencial entre os homens, proclamada principalmente no século XVIII, começa a entrar em declínio (MOSCA, 1975), paralelamente às metas de colonização e exploração dos novos territórios, sobretudo na América Latina e África. Se, para os iluministas, a corrupção moral advinha do meio, para muitos filósofos do século XIX, a imoralidade só poderia ser uma desonra natural das civilizações inferiores. .

Nesse sentido, a base das transformações conceituais no século XIX está voltada para a ciência, que passou a buscar métodos que poderiam ser aplicados em quaisquer situações. Lilia Moritz Schwarcz ressalva que:

O final do século XVIII representa, dessa forma, o prolongamento de um debate ainda não resolvido. Prevalcia, porém, certo otimismo próprio da tradição igualitária que advinha da Revolução Francesa e que tendeu a considerar os diversos grupos como “povos”, “nação” e jamais como raças diferentes em sua origem e conformações (SCHWARCZ, 1993, p.47).

O fundamental do pensamento de Schwarcz é nos revelar que os grupos humanos foram hierarquizados primeiramente em função de suas características físicas. Posteriormente, com o avanço das ciências psicológicas, agregaram-se a esses métodos classificatórios as suas qualidades mentais e morais. Os esforços da maioria dos latino-americanos objetivavam superar a desigualdade de sua população mestiça, abrindo caminho para a homogeneização da identidade nacional.

Em primeira instância, a grande preocupação era, de um lado, homogeneizar a raça nacional, ainda que fosse para criar uma identidade mestiça, de outro, uma nacionalidade em processo de branqueamento. Sendo assim, para os primeiros, mestiçagem é sinônimo de miscigenação, de mistura de raças. Para Benjamin Abdala Junior (2004), o *ethos* alternativo territorializa-se. Assim, aquilo que a princípio e com o decorrer da luta foi visto como um fenômeno de natureza puramente política passou a ampliar progressivamente o alcance de sua influência no continente.

Portanto, até o final do século XVIII, não havia o conceito de raça propriamente dito, porém a ideia de superioridade e inferioridade humanas, dimensões inerentes ao conceito, já era uma constante.

Apesar de falarem diferentes ideologias raciais, os movimentos eugênicos latino-americanos estavam unidos em torno de uma mesma preocupação: a construção de uma verdadeira nacionalidade. Se a mestiçagem é sinônimo de miscigenação, nessa visão não existem raças, mas uma única espécie humana, o próprio mestiço, resultante da mistura dos homens mais diversos.

Assim o debate referido à mestiçagem resultava da mistura biológica de famílias, comunidades e pessoas diferentes e não de raças. A mestiçagem deveria ser considerada uma metáfora que exprimia a unidade humana. De maneira geral, buscava-se um caminho alternativo que fugisse dos estereótipos negativos que os cientistas europeus haviam construído em relação à instabilidade das formas raciais das nações latino-americanas, que eram vistas, na melhor das hipóteses, como europeias pobres.

Desse modo, pode-se dizer que a formação da uma identidade nacional parte historicamente de afirmações específicas. Tomaz Tadeu e Silva (2009) argumenta

que a identidade está localizada em um ponto específico no tempo, estabelecendo suas reivindicações por meio do apelo a antecedentes históricos, já que por identidade entendemos o elo que identifica indivíduos, mas que também os diferencia em relação a outrem. Portanto, toda identidade pressupõe diferença. Tomas Tadeu e Silva argumenta que “via de regra, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa, imutável” (SILVA, 2009, p.13).

Por esse viés, pode-se mostrar a busca por uma essência identitária não procede, já que se sabe ser esta construída tanto discursiva quanto historicamente. Por outro lado ainda, Lilia Moritz Schwarcz (1993) argumenta que há a necessidade de se chegar a objetivos baseados na reconstrução de tipos, em função de uma suposta improdutividade das espécies miscigenadas, que leva o ser humano à desvalorização do outro enquanto ser semelhante pelo fato ter uma etnia distinta da sua e a que podemos chamar diferença cultural. Homi K. Bhabha argumenta que:

O conceito de diferença cultural concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em nome de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação. E é a própria autoridade da cultura como conhecimento da verdade referencial que está no conceito e no momento da enunciação. (BHABHA 1998, p. 64).

Segundo Bhabha, o propósito de justificar a dominação de um povo sobre outro formou inúmeros segmentos no pensamento social baseado na ideia de superioridade de alguns povos.

Essa expectativa teórica encaixa-se perfeitamente na perspectiva de identidade proposta por Stuart Hall (2006, p.12), que a pensa como processos diferenciados, mas envolvidos na construção identitária de grupos distintos. Em sua concepção: “A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Pode-se perceber então que identidade se relaciona a aspectos diferenciados, estando estes sempre em estruturação e que se fundamentam na caracterização de uma identidade cultural nacional.

Na perspectiva de Vasconcelos, o conceito de identidade está relacionado a uma raça igualitária, sem distinção de classe ou cor:

Possivelmente entre todas as características da quinta raça preponderem as características do branco. Mas tal supremacia deve ser fruto de eleição livre do gosto e não resultado da violência ou da pressão econômica. Os caracteres superiores da cultura e da natureza terão que triunfar, mas esse triunfo só será firme se tiver como fundamento a aceitação voluntária da consciência e na eleição livre da fantasia. Até a data, a vida recebeu seu caráter das potências baixas do homem; a quinta raça será o fruto das potências superiores. A quinta raça não exclui, monopoliza vida; por isso a exclusão do ianque como a exclusão de qualquer outro tipo humano equivaleria a uma mutilação antecipada, mais funesta até que um corte posterior. Senão queremos excluir nem às raças que pudessem ser consideradas como inferiores, muito menos cordatos, seria apartar de nossa empresa a uma raça cheia de impulso e de firmes virtudes sociais. (VASCONCELOS, 2010, p. 20).

O autor reflete que a hierarquia do homem branco dificilmente será legitimada, e a primazia social acontecerá espontaneamente de maneira a intensificar as questões culturais de cada povo, sem submissão de nenhum ser humano por motivo algum. A América Latina não renegará qualquer pessoa, tenha ela qualquer origem, nem o próprio norte-americano, e, de igual maneira, precisa de todas as outras raças. A confluência das raças corroboraria a construção de uma identidade na qual a maior característica seria a “vida”. Qualquer ser humano teria seu valor social e cultural.

Sem restrição, Vasconcelos afirma que “para a formação da quinta raça, aceita os imaginários superiores do branco, mas não sua arrogância” (2010, p. 21). Ele mostra que deseja brindar a todas as pessoas com uma pátria livre, em que encontrem lar e abrigo. Mesmo os brancos descontentes do materialismo e da injustiça social em que decaiu sua raça, a quarta raça, virão ajudar na conquista da liberdade.

Possivelmente que entre todas as características da quinta raça preponderem as características do branco. Mas tal supremacia deve ser fruto de eleição livre do gosto e não resultado da violência ou da pressão econômica.

Diante das ideias apresentadas, tratando-se das relações voltadas para a construção da identidade nacional latino-americana, podemos talvez afirmar que essa construção se daria por meio da interferência com o outro, com critérios de aceitabilidade. Assim, a negociação ficaria intrínseca ao mercado de bens, no que concerne a “ser” aceito pelo outro. Pressupõe-se então que, para caracterizar um consenso e definir a identidade de uma nação, faz-se necessário o entendimento de que a escrita da história seja um meio para que se possa compreender melhor todo o processo de formação histórica da identidade dos povos em lugares distintos.

2.6 América Latina: Eugenia para a Eliminação das Raças Inferiores

Sobre a questão de raça latino-americana, Nancy Leys Stepan (2005) defende a tese de que a história da América Latina subverte o entendimento do significado da eugenia em geral. Ela ressalta que os movimentos eugênicos dos três países considerados os mais populosos da América Latina - Brasil, México e Argentina -, apesar de suas diferentes tradições no que diz respeito ao pensamento científico, político e cultural, permitem ainda uma análise comparativa.

Para vencer os estereótipos, ela demonstra que cada nação batalhou de maneira própria com as ideologias raciais, sempre mobilizadas por políticas de cunho nacionalista. Na Argentina, por exemplo, predominou um modelo eugênico mais racializado, que visava construir uma nacionalidade conforme as idealizações europeizantes das elites brancas locais. Já os mexicanos procuraram criar um discurso que pudesse sustentar a ideia de uma miscigenação construtiva, como propunha o ensaísta José Vasconcelos. O caso brasileiro é apresentado por Nancy Leys Stepan como particularmente interessante, por causa de seu processo de colonização, uma vez que o discurso sobre raça e identidade nacional se iniciou conforme as contingências do nacionalismo e das discussões acerca das políticas de imigração.

De tanto uso, essa América Latina deve servir, sensatamente, para designação geográfica do grupo de nações formadas por ibéricos, num regime colonial de subordinação e dependência imediata, e que logo se degradou em parasitismo despótico, antiprogressista. No mais, é designação nula, própria somente para a tecnologia fútil dos que aceitando a divisão fácil do Ocidente em latinos, germânicos... Voltados para este lado, concluem que deve haver uma América Latina para contrapor-se à América inglesa. (BOMFIM, 2005, p.32).

Em outras palavras, a formação da identidade nacional parte historicamente de afirmações específicas. Manoel Bonfim (2005) mostra como a nossa própria denominação, enquanto povos ibéricos, teve de vir de indivíduos alheios à nossa origem e aos nossos sentimentos. No entanto, ele relativiza a amplitude do conceito de América Latina. Para Bonfim, essa afirmação era mais geográfica do que cultural, ficando evidente que a busca da cultura nacional, baseada nas perspectivas da nova história, seria com elementos da contradição social e, ao mesmo tempo, tentativa de afirmação cultural e de identidade, onde se encontra a contradição cultural e a necessidade

de afirmá-la. É justamente a reconstituição histórica de circunstâncias sociais e políticas, que Nancy Leys Stepan (2005) argumenta sobre a América Latina.

Entendemos então que o discurso de valorização de cultura mestiça enunciado por José Vasconcelos tornara-se contraditório à consolidação da estética e do ideário de branqueamento presentes desde o tempo colonial na América Latina.

Essa mentalidade estava ligada a um desenvolvimento estrutural da sociedade no século XIX. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreram profundas transformações: o desenvolvimento da urbanização, imigração em massa, crescimento da classe média, proletarização da cidade e do campo, industrialização, que mudaram a compreensão social, especialmente da emergente classe média.

A partir das décadas de 1920 e 1930, as teorias racistas começaram a ser discutidas com menos ênfase pelos intelectuais do período e foram gradualmente substituídas por outras teorias centradas no estudo da cultura dos povos. Enquanto a Europa estava às voltas com os regimes totalitários nazifascistas e os Estados Unidos com o segregacionismo, a América Latina teria encontrado uma solução melhor para o processo de cruzamentos étnico-raciais, como, por exemplo, buscar a valorização de todos os povos e culturas do continente, principalmente mudar a forma de governo vigente na época. Já pregava José Martí:

Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade europeia deve dar lugar à americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. É-nos mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas raízes o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas. (MARTÍ, 1983, p. 196).

A intenção era desvelar o trabalho, uma reforma política em que o governo fosse determinante e estivesse em defesa do continente. Afinal, “a forma de governo deve nascer do país. O espírito do governo deve ser o do país. O governo não é mais que o equilíbrio dos elementos naturais do país” (MARTÍ, 1983, p. 196). A intenção era mostrar que as raízes do povo latino-americano eram tão importantes quanto as de qualquer outro país, sendo elas mestiças ou não.

É nesse contexto que José Vasconcelos suscitava a miscigenação como fator importante para as necessárias mudanças no México e, conseqüentemente, em todo

o continente. O resultado da mescla entre quatro grupos étnicos distintos teria como consequência uma quinta raça, que dominaria o Novo Mundo. Ela seria um ponto de harmonia entre os povos, uma maneira de valorizar todas as culturas arraigadas no continente:

Os dias dos brancos puros, os vencedores de hoje, estão tão contados como o estiveram os de seus antecessores. Ao cumprir seu destino de mecanizar o mundo, eles mesmos puseram, sem sabê-lo, as bases de um período novo, o período da fusão e a mescla de todos os povos. O índio não tem outra porta para o futuro que a porta da cultura moderna, nem outro caminho que o caminho já capinado da civilização latina. Também o branco terá que depor seu orgulho, e procurará progresso e redenção posterior na alma de seus irmãos das outras castas, confundir-se-á e aperfeiçoar-se-á em cada uma das variedades superiores da espécie, em cada uma das modalidades que tornam múltipla a revelação e mais poderoso o gênio. (VASCONCELOS, 2010, p. 5).

Para Vasconcelos, os povos considerados superiores, puros, “raça ariana”, não mais existiriam. Os colonizadores desapareceriam, assim como um dia os colonizados. Com a Revolução Industrial, o mundo se modificou e os povos se misturaram. Aqui José Vasconcelos nos remete ao fim do campesinato, à necessidade de os povos indígenas se modernizarem socialmente a fim de inibir possíveis diferenciações dentro do grupo ou comunidade, no sentido da acumulação, não só de recursos, como do trabalho que exercem. Constitui assim “(...) um conjunto de pessoas que mantêm o mesmo tipo de relação com os meios de produção, bem como outras características econômicas e sociais comuns” (HOBBSAWN, 1998). Ele não encontra outra saída para os povos indígenas senão a mescla com os outros povos e com a modernidade.

Ainda para Vasconcelos, o homem branco não sobreviverá, mas se tornará intrínseco à mistura de povos, estará submetido aos valores de outros povos e sua subversão não mais existirá, porque ele se tornará parte de uma nova raça.

Contudo, a raça cósmica é uma maneira de compreender as quatro raças principais do mundo. Isto em oposição clara à teoria da raça ariana pura e à política de pureza racial praticada pela América branca. A mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferior, iria gerar uma forte raça miscigenada, uma espécie mutável, mais maleável, com uma rica carga genética. A partir dessa mistura racial, outra consciência estaria em formação, uma nova consciência mestiça.

Renato Ortiz tem um pensamento paritário desse sentido:

O mestiço é, para os pensadores do século XIX, mais do que uma realidade concreta, ele representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social, a elaboração de uma identidade nacional. A mestiçagem, moral e étnica, possibilita a aclimação da civilização europeia nos trópicos. (ORTIZ, 2006, p.22).

A mestiçagem, para o século que surge, seria um processo essencial de desenvolvimento do continente, tendo em vista que a América buscava a afirmação de uma identidade legitimada. Através da mestiçagem, ocorreria o que dizer da acomodação do colonizador, levando-o a construção de uma nova identidade. Essas propostas indicam ainda que a temática da mestiçagem, em sentido mais amplo, real e simbólico, consiste em condições sociais e históricas da mescla étnica naquele período.

Para tanto, Vasconcelos fundamenta suas obras na sociedade mexicana, que construiu sua identidade a partir de pressupostos relacionados à influência de duas raças, mais precisamente a branca e a indígena. Porém não haveria exclusão de nenhuma outra. Surgiria uma civilização refinada, que responderia à grandeza de uma natureza generosa e cheia de potencialidades. Vasconcelos enxergava o berço de uma nova civilização e tratava de buscar nesse cenário, elementos essenciais para todo o conjunto da América Latina, contemplando-a na sua utopia de uma melhor e determinante etapa na história humana.

Dessa maneira, Vasconcelos procurou identidades que fizessem com que elementos distanciadores, como a barreira linguística, perdessem grande parte de sua importância e a América Ibérica se enxergasse unida. Tal união daria solução à utopia da raça cósmica. No presente mais imediato, fazia frente às ameaças da política expansionista norte-americana.

Na realidade, podemos considerar que, ao propor a união ibero-americana, Vasconcelos pensava uma utopia futura, mas, respectivamente, imaginava uma arma eficaz: os ibéricos finalmente unidos contra os saxões. Para o autor, a nova raça seria a solução para o problema relacionado à mestiçagem e aos conflitos na América Latina.

Ao se deter sobre o tema da mestiçagem, a existência de negros e índios foi progressivamente apagada ou, no mínimo, diluída a partir da assimilação de suas culturas como processo integrante de uma nova cultura nacional mestiça. Renato Ortiz faz considerações relevantes sobre esse processo:

O sincretismo atestaria os diferentes graus de evolução moral e intelectual de duas raças desiguais colocadas em contato. Surge assim um problema teórico fundamental para os cientistas do período: como tratar a identidade nacional diante das disparidades. (ORTIZ, 2006, p. 20).

Apesar desses argumentos articulados, os retratos positivos da mestiçagem não escapariam totalmente dos preconceitos das teorias de De Pauw e do Darwinismo Social. Acreditava-se na mestiçagem, mas, ao mesmo tempo, havia uma forte esperança de que os traços e a cultura dos brancos predominassem ao final. Talvez possamos dizer que a identidade nacional estava estabelecida de modo a revelar que a sociedade não se compunha apenas de brancos e que os outros elementos distintos deveriam ser considerados também importantes para a formação da identidade latino-americana.

Diante das transformações na prática historiográfica que englobaram a relação história e representação, podemos perceber a problematização dos historiadores das representações simbólicas como forma de privilegiar os conflitos inerentes ao estudo da História. José Vasconcelos, em suas obras, se utilizou dessa representação para sugerir uma identidade na qual o mestiço se tornaria o símbolo nacional.

Essas considerações sobre a mestiçagem contribuem gradualmente para o desenvolvimento e o entendimento do processo de mescla existente na América Latina. Visualizar os acontecimentos que contribuíram para desenvolver essa análise nos levará a compreender melhor o pensamento de José Vasconcelos ao produzir suas obras voltadas para as questões pessoais, políticas e culturais de seu tempo. Para ele, a escrita tinha uma função acima da prática, que seria a de orientar a sociedade para os acontecimentos que circulavam. Sobre o desdobramento da formação de uma nova identidade, discorreremos no próximo capítulo.

3 A UTOPIA DE UMA IDENTIDADE UNIVERSAL

Nesta última parte, propomos pensar a especificidade da história latino-americana dentro dos parâmetros da representação memorialística de Vasconcelos, para o que cabe retomar as categorias da já mencionada história cultural, pois o conceito utópico desenvolvido por José Vasconcelos nos coloca diante da possibilidade de pensar a utopia na relação com a história e como um inegável testemunho de seu tempo.

Sem dúvida, essa alternativa poderá ser contestada por quem intencionar recuperar uma temporalidade determinada a partir do que se argumentou antes. Sendo assim, buscamos mostrar, nas páginas que se seguem, a visão do autor em relação à construção da identidade nacional e continental através do processo de mestiçagem. Para evidenciar suas ideias, contextualizamos o conceito de utopia na apropriação de valores e símbolos nacionais, demonstrando como estes tornaram-se essenciais para a visão de um novo homem (MANNHEIM, 1986) e para a construção da identidade projetada.

Ainda de forma ampla, para uma melhor interpretação do pensamento de José Vasconcelos, também procuramos enfocar o esforço feito pelo intelectual mexicano para a exaltação do novo, pois a América foi por ele vislumbrada como lugar do futuro. Posteriormente, a pesquisa discutirá o seu ideário para com a sociedade latino-americana a partir de sua obra *La Raza Cósmica*, em que, de forma utópica, e talvez poética, procurou valorizar as distintas raças que formaram o continente. A concepção que transcendia seu pensamento era a de que todas as raças se uniriam e formariam uma única espécie humana, uma raça única e superior.

José Vasconcelos ainda atribuiu componentes idealizadores à construção da identidade nacional nessa mesma obra, *La Raza Cósmica*, e essa sua vertente de pensamento foi bem recebida por alguns autores, como Otávio Paz e Roberto Fernández Retamar. Também será preciso ressaltar as suas apreciações quanto à projeção de construir uma nova identidade latino-americana a partir da quinta raça.

3.1 A Utopia na Idealização do Novo Mundo

O pensamento utópico é uma expressão que, a nosso ver, se destaca no dis-

curso de José Vasconcelos. A teoria de um homem universal o fez o grande idealizador da América Latina. Em sua obra *La Raza Cósmica*, ele expressa o seu sentimento quanto ao futuro da nação, fazendo uma análise utópica futurista da humanidade, da qual surgiria uma nova raça. E o que seria a utopia? Seria o motor propulsor que moveu os argumentos de alguns pensadores no passado, a ponto de os fazer contradizer ou talvez se embebedar de ideologias desconexas da realidade em que viviam?

Pois bem, pode-se dizer que a utopia estaria ligada tanto à ideologia quanto ao problema da realidade. Karl Mannheim (1986) analisa esse conceito como sendo sempre relacional, um estado de espírito em incongruência com a realidade. Para ele, esse significado seria uma orientação que transcenderia a realidade, que romperia com os acontecimentos temporários, proporcionando novos “espíritos ideológicos”¹⁵. Sendo assim, buscaremos articular o pensamento de José Vasconcelos de modo a deixar transparecer essa visão ideológica da realidade que ele sonhava para o futuro da América. Podemos dizer então que utopia se assemelha a um conjunto de criações imaginadas pelo homem para explicar acontecimentos históricos. Quanto a esse ponto de vista Pedro Henríquez¹⁶ diz:

Utopia é uma ideia clássica, não é um jogo de imaginação perdida, é uma das maiores criações espirituais do Mediterrâneo. O povo grego deu ao mundo Ocidental a inquietude do perfeccionismo constante. Quando descobre que o homem pode individualmente ser melhor de como vive, não descansa para averiguar de toda melhora de toda perfeição. Julga e compara, busca e experimenta sem descanso, e assusta a necessidade de tocar a religião e a verdade, a fábrica social e os sistemas políticos. É o povo que inventa a discussão, que inventa a crítica. Busca o passado e cria a história, visa o futuro e cria as utopias (URENA, 1989, p. 6).

Portanto, falar de maneira utópica é buscar meios para explicitar acontecimentos que gostaríamos de entender e mudar o presente ou, quem sabe, fazer diferente no futuro. Percebemos assim que o pensamento de José Vasconcelos esteve

¹⁵ - Para Karl Mannheim essa orientação incongruente somente se torna utópica quando, em acréscimo, tende a por fim aos laços da ordem existente. Em consequência, os representantes de uma dada ordem não adotam em todos os casos uma atitude hostil para com as orientações que transcendem a ordem existente. Antes, sempre pretendem controlar essas ideias e interesses situacionais transcendentais, impossíveis de serem efetivados no quadro da ordem vigente, tornando-os, dessa forma, socialmente importantes, de modo que tais ideias sejam confinadas em um mundo além da história e da sociedade, onde possam afetar o *status quo*.

¹⁶ - URENA, Pedro Henríquez. *La Utopia de América*. Biblioteca de Yacucho, Caracas – Venezuela, 1989.

ligado a essas argumentações e que sua idealização de mudança esteve relacionada à utopia de algo novo.

É através da idealização de um Novo Mundo que nos deparamos com uma nova imagem do Continente, a partir da visão de José Vasconcelos, já que a utopia significava o sonho que nutria as ideias humanísticas da modernidade europeia definitivamente apropriado pelos hispano-americanos no umbral de sua autonomia política (CHIAMPI, 1980, p. 104). Seria a concepção de uma humanidade mais feliz, de uma liberdade não comprometida com os interesses do colonizador, de uma sociedade mais igualitária.

Sendo assim, tentar definir esporadicamente um conceito para utopia a partir de um contexto imbricado nos ideais dos anos de 1920 seria, na verdade, extrapolar as disposições daquela época. Como nos mostra Leopoldo Zea:

A falta de consciência de sua própria história, dessa história do dia a dia, noite e noite, vão fazendo dos hispano-americanos em sua luta contra o mundo ou contra si mesmo. Essa história de que o ibero-americano é igual a todos os homens serve para realizar certos fins, certos valores, sem importar a hierarquia dos mesmos de acordo com as tabelas que se quer qualificar (ZEA, 1957, p. 32).

Para o autor, a América poderia construir a sua história a partir de uma utopia um tanto mais realista, ou seja, a partir de sua própria consciência, sua vivência. Porém esse pensamento otimista está ligado a uma igualdade de valores do espaço americano que viria a se desfazer de acordo com a realidade dos esquemas hierárquicos impostos naquele período.

Percebemos que utopia é uma palavra maltratada pelo uso. Que passou a ostentar uma conotação com o impossível, o inviável, o irrealizável¹⁷ (COIMBRA, 2002, p. 212). E é a partir dessa apreciação de impossibilidade que mostramos como José Vasconcelos enfatiza a sociedade latino-americana, tendo em vista que seu pensamento sempre demonstrou uma visão utópica ao destacar a formação de um novo homem, um ser sem exclusão, com o espetáculo natural sendo a união das espécies e culturas¹⁸.

¹⁷ - José de Ávila Aguiar Coimbra, em sua obra *Fronteiras das Éticas*, mostra a utopia como um conceito de racionalidade prática.

¹⁸ - Para José Vasconcelos, a quinta raça não pretendia excluir nenhum dos povos. Precisamente, a norma de sua formação seria o aproveitamento de todas as capacidades para uma maior integração de poder. (VASCONCELOS, 2010, p. 23).

É inevitável não perceber o aforismo do mexicano quanto ao futuro dos povos. O seu pensamento utópico revela uma análise otimista do futuro, como a vislumbrar o porvir daquilo que não estava nos alicerces da sociedade naqueles dias, que prevaleceria fora dos propósitos convictos da elite daquele momento.

A partir dessas premissas, José Vasconcelos estende o debate para a construção do discurso identitário, apontando a mestiçagem como eixo de conexão entre os povos latino-americanos. Ele deu aos povos desprezados um lugar na história. Talvez fosse “o ciclo das aspirações utópicas que desde sempre tinham depositado no Novo Mundo os projetos de uma humanidade mais feliz, de uma liberdade não comprometida, de uma sociedade mais justa” (CHIAMPI, 1980).

Existe uma projeção de desejos não plenamente satisfeitos em uma determinada situação histórica latino-americana. O sonho pode ser uma compensação tanto no nível espiritual quanto no nível material. Por sua vez, a realidade do desconhecido torna-se uma representação utópica do real, o que Irlemar Chiampi chama de “realismo maravilhoso”. A questão apresentada pela autora remonta ao pensamento desvencilhado do substancialismo, fundamentando a poética como austeridade e perceptibilidade crítica, no âmbito das teorias da narrativa histórica, sendo estes os traços que apresentam uma perspectiva ideológica frente à proposta crítica de se comparar o caráter latino-americano a outros modelos culturais.

“Assim, realismo mágico veio a ser um achado crítico-interpretativo, que cobria, de um golpe, a complexidade temática [...]” (CHIAMPI, 1980, p.19). O que há é uma intencionalidade na necessidade de explicar a nova visão sentimental da realidade. No debate em que José Vasconcelos se insere, buscar em seu pensamento argumentos que possam explicar seu deslumbramento quanto à construção de uma nova identidade para a América Latina seria narrar os desafios que esse intelectual enfrentou para justificar suas abordagens inconstantes que, às vezes, tornavam-se inclusive contraditórias.

Com a consolidação de um novo pensar sobre a história, podemos entender melhor a metodologia da grandeza subjacente ao seu conjunto de obra, assim como suas finalidades nos anos de 1920. Seria uma tentativa característica de representar um futuro construído. Em suas reflexões mais profundas, o maior desafio era produzir elementos de valorização do mestiço naquela época, em meio ao poder intrínseco à intelectualidade elitista latino-americana.

Pensar um novo mundo seria então uma tentativa de definição da “consciência moderna” como meio para formar uma “consciência coletiva” (BOBBIO, 1909). O processo encabeçado pelo autor fomenta a argamassa de possibilidades da unidade social, na qual construir uma identidade coletiva seria uma unidade de coesão. Talvez dele um idealizador da identidade latino-americana.

3.2 Um Idealizador Latino-americano

Estudar a biografia de um autor é vislumbrar não só seu pensamento, mas conhecer o mundo e a realidade em que ele viveu e escreveu. Para tanto, buscaremos na biografia de José Vasconcelos Calderón o contexto no qual ele viveu. Essa indagação é importante porque nos remete à melhor compreensão de seu pensamento, procurando evidenciar suas impressões, suas redes de relacionamento e lealdades individuais.

Na biografia de José Vasconcelos, faremos uma trajetória envolvendo sua vida pessoal de escritor e política, de modo a não desprezar sua figura de homem público. Nascido em Oaxaca, no ano de 1882, José Vasconcelos Calderón foi o segundo dos nove filhos de Ignacio Vasconcelos Varela e Carmen Calderón Conde. Fato importante para seu desenvolvimento pessoal foi a oportunidade que teve de realizar estudos de educação primária em escolas localizadas na fronteira entre os Estados Unidos e México, especialmente na fronteira entre Eagle Pass, no Texas, e Pedras Negras (MOTTA, 2010). Continuou sua educação no Instituto Científico de Toluca, Estado de México, e no Instituto Campechano, colégio da atual cidade de San Francisco Campeche, capital do estado de Campeche.

Em 1897, aos 16 anos, Vasconcelos ingressou na Escola Nacional Preparatória, que atualmente faz parte da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), depois na Escola Nacional de Jurisprudência, onde conquistou o título de licenciado em Direito no ano de 1907. Desde que ingressou no círculo de jovens intelectuais da época, buscou uma abertura cultural, tendo participado do movimento modernista de 1909, no qual, segundo Maria Helena Rolim Capelato (2005), se encontrava a negação radical do passado antigo e recente e a apologia do futuro, da tecnologia e do movimento.

Portanto, a exaltação do novo da parte dos futuristas correspondia à imagem

que seria reforçada posteriormente da América como lugar do futuro. Era o lugar do progressivo amadurecimento de uma sociedade que, ao constituir-se, tomava consciência de si mesma (ROMERO, 2009). Na época, o México passara por um período de conflitos, desenvolvendo uma política reformista que, segundo a argumentação de José Luiz Romero:

A política reformista era, com certeza, filha da Ilustração, uma filosofia fundada na razão que aspirava conseguir que a razão, e não os costumes, governasse o mundo. Era, portanto, uma filosofia aristocratizante, que distinguia entre as minorias seletas e a plebe, na qual estavam incluídas não só as massas ignorantes, mas também os grupos dirigentes, que “embora tivessem berço ilustre, e apesar de tudo isso, não saíram das trevas da ignorância”, como escrevia um autor muito representativo do novo pensamento. A essa minorias seletas, instruídas e iluminadas pela luz da razão, cabia o governo. E como a sua principal preocupação deveria ser que a sociedade contasse em todos os âmbitos com pessoas como elas, a educação foi um objetivo fundamental. (ROMERO, 2009, p.186).

A política reformista para Romero está intrínseca ao pensamento de Vasconcelos quando este constrói um discurso no qual a educação era tomada como o que vinha para mudar o pensamento da sociedade. E, mais importante, não seria seleta, mas atingiria todas as massas sociais. Nada ficaria como outrora. Para o autor, a grandeza das nações não seria apoiar o esplendor de seus triunfos, mas uma sociedade livre de qualquer semelhança com o sistema de governo do passado.

O mexicano idealizador de uma nova retórica de igualdade na América Latina escreveu sua dissertação sobre *Don Gabino Barreda y Las ideas contemporâneas*. José Vasconcelos foi proibido de assumir qualquer cargo público por declarar-se contra o sistema ideológico de governo (VASCONCELOS, 2010). Em 1913, foi banido de seu país e tornou-se membro fundador do *Partido Constitucionalista Progresista*.

Após seu exílio, buscou aliar-se ao governo de Álvaro de Obregón, que posteriormente o levaria a tornar-se Secretário de Educação Pública nos anos de 1920-1924. Nesse período, desenvolveu um projeto educacional que tinha como uma das suas metas vincular a arte mural a um eficaz trabalho, semelhante ao dos missionários espanhóis do século XVI: educar pela imagem, procurando atingir, por meio delas, uma população de 85% de analfabetos (VASCONCELOS, 2010).

José Vasconcelos foi um dos principais incentivadores do movimento muralista mexicano, conforme vimos. Para ele, o desafio era difícil de ser realizado e um dos motivos dessa dificuldade era a heterogênea conformação da população mexicana, o

que o levou à defesa da ideia de mestiçagem, na tentativa de tirar o elemento indígena de suas raízes e integrá-lo à sociedade nacional. Além disso, buscou federalizar o ensino. Como consequência, criou a Secretaria de Educação Pública.

A busca e a defesa de uma identidade nacional mexicana ficou na memória da intelectualidade, em meio àqueles que lutavam pelo povo. Carlos Alberto Sampaio Barbosa diz:

A memória de quem lutou ou participou da Revolução tivera ampla divulgação e proliferara no transcorrer e nos anos subsequentes à luta armada. Esse material era considerado uma espécie de testemunho ocular ou transposições literárias das vivências. (BARBOSA, 2007, p.70).

A busca por uma caracterização nacional levou a uma série de debates e enfrentamentos políticos no cenário intelectual do México: por um lado, o conservadorismo, que defendia a tradição; por outro, a mudança, adentrar um novo momento histórico, valorizar as questões culturais. José Vasconcelos foi fonte de inspiração, tornando-se referência no pensamento de grandes autores mexicanos, como Otávio Paz (1976)¹⁹. Autor que muito se preocupava com a cultura hispano-americana, ao relatar e defender os direitos do povo mexicano escreveu uma das mais célebres obras sobre o assunto: a sua autobiografia escrita em (1881-1959) e publicada em cinco volumes: *Ulisses criollo* (1936), também considerada sua obra mestra. Nela, Vasconcelos relata experiências de sua família, as intimidades de seu pai e as aflições que tanto o perturbaram, uma delas sendo os movimentos intelectuais e a arte do seu tempo: a psicanálise, o marxismo, o cubismo, o impressionismo, praticamente toda a intelectualidade das vanguardas culturais e artísticas do século XX.

Posteriormente, a obra *La tormenta* (1936) narra sua trágica experiência como exilado²⁰, período em que ele tentou justificar sua imagem contraditória: em alguns momentos, do lado revolucionário de Venustiano Carranza Garza; em outros, a favor de Pancho Villa. Na verdade, buscava acabar com a imagem de traidor que havia obtido de alguns intelectuais do seu tempo.

¹⁹ - Otavio Paz faz uma análise bem elaborada, descrevendo relatos marcantes da trajetória de José Vasconcelos na educação moderna mexicana. Paz afirma que “ninguém encarna melhor a luta pela Revolução Mexicana que Vasconcelos, pois ele se nutre dela para por em prática seus projetos pela educação. Dizia ainda que Vasconcelos não se apoiava no passado, justificava-se no futuro”.(Cf. PAZ, 1976, p.136-137).

²⁰ - No período em que esteve exilado, José Vasconcelos viajou pela Europa, manteve relações diplomáticas hispano-americanas. Também esteve no Peru, onde trabalhou por alguns meses, e nos Estados Unidos, numa temporada em Nova Iorque e outra na Califórnia. (Cf. VASCONCELOS, José. *El Proconsulado*. 1984 p: 1077-1081).

Na obra *El desastre* (1938), Vasconcelos retoma os anos em que esteve envolvido na política, de 1920 a 1928. Nesse período, ele foi Reitor e Ministro da Educação. Seus relatos mencionam sua indignação contra a ação corrupta dos governantes.

Ao longo dos anos de 1920, após essa sua importante atuação como Ministro da Educação e a derrota nas eleições de 1929, José Vasconcelos passou por um outro período de exílio²¹. A decadência de sua carreira era visível, sua reputação ficara comprometida no meio político e intelectual do México. Tal levou-o a residir, nos anos seguintes, em San Antonio, Estados Unidos (MOTTA, 2010). No entanto, o idealizador da nova raça latino-americana esteve envolvido diretamente nos acontecimentos políticos de seu país por um longo período, que se estendeu até 1929, quando perdeu as eleições por ser visto pela elite mexicana como um reacionário:

A publicidade oficial acusava Vasconcelos de reacionário. As classes médias e a imprensa estrangeira viram em Vasconcelos uma espécie de Quixote, um civil liberalista, um filósofo metafísico que se atrevia a atacar com as armas fracas da civilização democrática o passado asteca da barbárie militar. Aproveitando a desconfiança no proletariado pela elite instruída, a propaganda do PNR projetava uma intolerância aos escritores, homossexuais, sacerdotes, burgueses, estudantes, feministas, intelectuais, fanáticos religiosos e outras “aves raras” que cresciam metidas no vasconcelismo. (VARGAS E URBIOLA, 2010, p. 106).

Apesar de sua popularidade, Rafael Vargas e Xavier Guzmán Urbiola nos mostra que Vasconcelos foi derrotado por mostrar-se idealista dos interesses do povo, um “Quixote ridículo”. Vasconcelos apresentava ideias descompassadas da política vigente, um regime que excluía qualquer comportamento diferenciado da hierarquia tradicional social da época.

Um homem e uma nação em uma encruzilhada do ano fatídico de 1929. Ambições frustradas e um ideal destroçado, mais a fraude eleitoral foram fatores importantes que, entre outros, geraram a revolução gradual que levou à mudança na estrutura política no país.

Após a tempestade da candidatura, de 1930 a 1939, José Vasconcelos encontrou forças para voltar ao México nomeado diretor da Universidade do Noroeste, car-

²¹ - Nesse período de exílio, José Vasconcelos esteve em Paris e publicou artigos críticos do governo mexicano. Também esteve em Madri e fez publicações ressaltando a importância de uma filosofia hispano-americana nacionalista, universal. Posteriormente, ele fixou-se na Argentina e, depois, nos Estados Unidos, onde publicou uma obra sobre a pedagogia estruturalista e, posteriormente, sua autobiografia. (VARGAS E URBIOLA, 2010).

go que ocupou por pouco tempo. Nesse período, ele publicou o quarto capítulo de suas *Memorias, El proconsulado* (1939), uma obra em que José Vasconcelos continua a descrever suas experiências e envolvimento direto com a política e fala da derrota de Venustiano Carranza, em 1920, e da vitória triunfante de Álvaro Obregón. O que deteve o papel principal nesse discurso foi o fato de ele ter entrado na disputa política e não ter tido a chance de levar a diante seus ideários de progressos para o México.

Sem muita expectativa na carreira política, ele buscou sobreviver por meio de suas produções intelectuais, ensaios políticos, socioculturais e temas filosóficos: *Tratado de Metafísica* (1929), *Pesimismo alegre* (1931). Publicou a revista *La Antorcha* em Paris e, depois, em Madri (1931 e 1932). Em 1932, viu-se proibido de usar o periódico como canal para fazer denúncias. Também nesse mesmo ano, o jornal *La Prensa de Buenos Aires* interrompeu a publicação de seus artigos (MOTTA, 2010). Nas produções *Etica* (1932), *Bolivarismo y monroismo* (1934), *De Robinson a Odiseo; pedagogia estruturativo* (1935), *Historia el pensamiento filosófico* (1937), ele expressou sua euforia quanto ao pragmatismo e continuou fazendo a guerra com a história mexicana, buscando encontrar no passado argumentos para explicar sua derrota política.

Muitas portas se fecharam para Vasconcelos por causa do seu conteúdo de característica panfletária e o centro das suas argumentações eram ataques a Calles²², a intelectuais que apoiavam a política vigente, a outras lideranças políticas e ex-correligionários.

Esses acontecimentos o posicionaram ao lado dos antisemitas e anti-indígenas no decorrer de várias décadas. Também apoiou os regimes europeus fascistas desse período. Porém sua causa não submergira de todo: alguns Movimentos Estudantis se utilizaram dos seus textos como exemplo de educação e cultura do povo mexicano nos anos de 1930. Com o tempo, as dificuldades pioraram e Vasconcelos se organizou para publicar alguns trechos de suas *Memórias*.

Em solo espanhol, suas publicações possibilitaram a realização de um novo

²² - Plutarco Elias Calles foi presidente do México de 1924 a 1928. Pôs em marcha um projeto de reconstrução econômica e de modernização política na sociedade mexicana. Em linhas gerais, a reconstrução nacional se baseou na ideia de impulsionar o desenvolvimento capitalista do país mediante o crescimento dos investimentos estrangeiros, o apoio a pequenas empresas, a reforma monetária e do crédito, a criação de um sistema bancário nacional, o controle fiscal, a construção de vias de comunicação, o estabelecimento de bancos agrícolas, o desenvolvimento da economia rural de pequenos proprietários. Cf. CASTRO (1983, p. 09).

projeto, a publicação de uma obra filosófica, para o que contou com a ajuda de seu amigo Afonso Taracena²³, que, após contatos com vários periódicos no México, Estados Unidos e uma revista em Cuba, conseguiu contrato para que se fizessem essas publicações na forma de folhetins e em alguns meios de comunicações.

Uma de suas oportunidades relevantes nessa ocasião foi a revista mexicana *Sistema* conceder a ele a publicação mensal, de 1934 a 1935, de *Las memórias del licenciado Don José Vasconcelos*. Em abril foi feita a última publicação, com a revista alegando causas alheias à vontade da editora. Outra empresa editorial faria a edição completa do texto na forma de livro.

Em Cuba, durante quinze semanas, ao longo dos meses de janeiro a abril de 1934, a revista *Bohemia* também publicou trechos das *Memórias* de Vasconcelos, publicação interrompida sem explicações prévias (MOTTA, 2010). Pode-se assim entender por que, diante dessa realidade complicada vivida nos anos de 1930, Vasconcelos tenha caído num despenhadeiro ideológico que o tornaria símbolo da direita no México.

Mas a sua obra mais importante e que foi vista como profecia e levaria o continente latino-americano a um futuro transformador recebeu o nome de *La Raza Cósmica* (1925). Essa obra deu a Vasconcelos a imagem de defensor da mestiçagem nos países latinos, vislumbrando o futuro da humanidade. Nela, ele ressalta a mescla das várias raças, combinação que tornaria a América Latina um continente mestiço.

Podemos dizer que José Vasconcelos foi uma das figuras mais controversas da cultura mexicana. Suas decisões e o vigor com que agitou a política mexicana a favor de uma hierarquia popular chocaram a elite do país nos anos de 1920. Ele buscou nas bases da estrutura educacional mudar o posicionamento governamental, tornando-se personalidade importante como exemplo para o futuro nacional. Isso o tornou um pós-revolucionário, por manter seus ideais não só nacionais, mas relacionados a todo continente latino-americano, mesmo frente aos vários conflitos nacionalistas que mantiveram uma conduta elitizada no século XIX.

É importante registrar que, em seus posicionamentos memorialísticos, em momento algum ele excluiu a população na América Latina. Em *La Raza Cósmica*, po-

²³ - Alfonso Taracena Quevedo nasceu em Cunduacán, em 10 de janeiro de 1896. Foi colaborador e editor dos mais importantes diários da época na cidade do México: *O Universal*, *Excelsior* y *Novedades*. Publicou 64 livros, entre os quais se destaca sua monumental obra *La verdadera historia de la Revolución Mexicana*, que consta de 30 volumes. Foi bastante reconhecido por seu trabalho determinado e incessante como pesquisador e jornalista. Em seus últimos anos, se instalou na capital Republicana e dedicou-se à sua paixão e vocação: escrever. (<http://juchimanesdeplata.org.mx/cv/11.pdf>).

demos confirmar sua valorização das distintas raças e a idealização de um novo grupo, o mestiço. Discutiremos seus apontamentos sobre raça a seguir, como maneira de aprofundar suas ideias sobre a questão.

3.3 O Conceito de Raça na Visão de um Profeta Recusado

No início século XIX, a noção da igualdade essencial entre os homens, proclamada principalmente no Iluminismo, começou a declinar²⁴. Isso ocorreu paralelamente às metas de colonização e exploração dos novos territórios, sobretudo na América Latina e África. Se, para os iluministas, a corrupção moral advinha do meio, para muitos filósofos do século XIX a imoralidade só poderia ser uma falta de caráter *natural* das civilizações inferiores.

Nos séculos anteriores, os grupos humanos haviam sido diferenciados por suas características físicas, sendo o mais forte considerado o melhor a espécie e a mais perfeita, superior às outras (GERBI, 1996). No entanto, as espécies inferiores eram necessárias para o aprimoramento da Natureza. Sem elas os mais fortes não sobreviveriam.

Assim, é importante compreender como o pensamento racial foi construído histórica e politicamente. Percebe-se que, ao longo dos séculos, o conceito de raça deixou de ter significado científico e passou a ter ênfase social. Para Lilia Moritz Schwarcz, esse conceito está relacionado a apologias não somente sociais, mas das elites intelectuais locais:

O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise. O que se pode dizer é que as elites intelectuais locais não só consumiram esse tipo de literatura, como a adotaram de forma original. Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania. (SCHWARCZ, 1993, p. 18).

²⁴ - Ver a análise sobre a noção de igualdade em declínio em MOSCA, Georges Cuvier. *A Doutrina Do Super-Homem e as Teorias Racistas*. In: *História das doutrinas políticas*.(1975).

O que podemos perceber na argumentação acima é que a questão “raça” foi empregada como metáfora para conservar os interesses políticos do século XIX e afirmar o poder da elite como mecanismo de diferenciação de um ser humano do outro. Posteriormente, os intelectuais continuariam a utilizar-se desse conceito como organismo para a caracterização social.

É nesse paradoxo que José Vasconcelos mostra que as disparidades humanas não se aprofundam. Para ele, o processo social tem suas causas profundas, inevitáveis, que determinam um momento. O sentido de “raça” para o autor está relacionado à igualdade: não existe uma civilização superior à outra, todas são iguais, sem exclusão política ou social. Sua visão utópica de raça nos mostra que as civilizações espalhadas pelo mundo se reorganizam e os brancos seriam as bases materiais e morais para a união de todos os homens.

Temos então as quatro etapas e os quatro troncos: o negro, o índio, o asiático, e o branco. Este último, depois de organizar a Europa, e convertido de invasor do mundo, recebeu o crédito de dominador, o mesmo que aconteceu com as raças anteriores, cada um em sua época e seu período. E claro que o domínio do branco será temporário, mas sua missão é diferente de seus antecessores, sua missão é servir de ponte. O branco colocou o mundo na situação em que todos os tipos e todas as culturas podem mesclar. (VASCONCELOS, 2010, p. 04).

As raças para o autor não se distinguem pela natureza: uma não é superior à outra; existe uma significativa importância de todas, pois compõem a humanidade. Sua visão é diferente dos pensadores dos anos de 1920, que utilizavam o conceito racial para dominar, rebaixar e controlar as classes subalternas da nação. Seu pensamento é-lhes oposto, já que esfacela a cultura branca e nos remete a uma raça única igualitária. Todavia, conforme visto em vários momentos deste trabalho, a sua emancipação da identidade latino-americana toma, em alguns casos, características essencialistas, contribuindo para a construção de um discurso cristalizado e obsoleto da realidade idealizada pelo autor da quinta raça.

3.4 A Quinta Raça: uma União Cósmica

Nesse argumento, deparamos-nos com o pragmatismo da teoria de José Vasconcelos. Diante dos debates do conceito de “raça”, suas analogias se chocam com as teorias vigentes no período. Ele se posiciona contra as argumentações tecni-

das pelo spencerismo, que moldava as presunções raciais da época não só contra raças de cor, mas também contra os povos mestiços, delegando estes como povos/civilizações de barbárie e, conseqüentemente, de natureza inferior. (VASCONCELOS, 2010, p. XV).

Podemos dizer que Vasconcelos também pensava com maestria em um mundo cada vez mais mestiço, que abriria o caminho para um novo conceito que atualmente chamamos de “hibridismo cultural”. Em termos culturais, diríamos que o mundo se crioulizaria, isto é, tornar-se-ia cada vez mais mestiço, mesclado, abrindo-se cada vez mais para a mistura, para a consideração das formas híbridas. (ABDALA JUNIOR, 2004, p. 18).

A discussão entre o discurso tradicional nos anos de 1920 e a utópica da raça presente nos argumentos do mexicano nos permitem uma elocução crítica sobre seu pensamento. Seu universo espiritual expressou-se através de obras memorialísticas, de questões voltadas para as desigualdades no México e na América Latina. Em *La Raza Cósmica*, publicada em 1925, ele proclama, conforme se disse, o futuro do continente latino-americano norteado pela raça única, cósmica, sem desigualdade, sem exclusão. Para ele, o termo raça é sinônimo de igualdade. Descreve a quinta raça como sendo uma união cósmica. Não é a guerra sua maior preocupação, seja ela contra qualquer raça, mas o domínio violento. Por isso a mescla, a quinta raça seria importante para a união entre todos os povos:

Não é a guerra contra o branco nosso olhar, mas sim uma guerra contra uma classe considerada violenta, o mesmo do branco que em seu caso é o amarelo, se o Japão se converter em ameaça continental. O que acontece ao branco e sua cultura, a quinta raça, com eles espera-se o benefício de seu gênio. A América deve ao europeu branco e não vai renegar a ele, nem mesmo ao norte americano, porque deve a suas ferrovias, pontes, empresas e de mesmo destino precisa todas as raças. E ainda aceitamos as ideias superiores dos brancos e sua arrogância, queremos proporcionar as mesmas coisas para todas as pessoas, uma pátria livre, em que encontre casa e abrigo, mas não uma extensão de suas conquistas. Os mesmos brancos descontentes com o materialismo e a injustiça social em que caiu sua raça, a quarta raça, vem a nos para ajudar em sua conquista de liberdade. (VASCONCELOS, 2010, p. 21).

O autor reflete em seu texto uma sociedade em que, apesar de sua superioridade, o branco não sobreviveria sozinho com sua arrogância. É necessário que todos os povos se juntem com o mesmo propósito de conquistar a liberdade do continente. Sua utopia é a de que todos possam se beneficiar das mesmas vantagens.

Dessa forma, o engajamento étnico não se torna um componente ou uma ação utópica, transformado em razão profunda das exclusões na história latino-americana. O desenvolvimento do contexto é consequência de uma análise histórica marcada por contínuas adversidades. Os diversos problemas sociais enfrentados pelos países da América Latina fizeram com que uma forma de identificação fosse discutida e a diferença colonial fosse negociada (MIGNOLO, 2003, p. 201).

Nos discursos de alguns escritores e críticos, a história latino-americana representa o espelho no qual os povos podem ser vistos e reconhecidos como sofredores. Mas isso não quer dizer que exista uma hegemonia da história na representação da realidade do continente, afinal esses mesmos povos podem ser vistos em estudos de sociologia ou de antropologia com outros olhares. Tomamos a vertente da história por causa das discussões sobre o autor e o impacto de suas colocações quanto à raça cósmica.

Pelo exposto, percebe-se que a caracterização de um povo nasce não como um produto individual, mas como um resultado coletivo. “Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas” (SILVA, 2009, p. 73). Nas obras de diversos autores engajados com a construção da identidade, as questões postas são fruto de um estranhamento em relação ao contexto em viveram. Todavia, suas preocupações representam questionamentos que a sociedade faz de si mesma, condições sem as quais suas preocupações não ganhariam a visibilidade social que se almejava ao elaborá-las.

Nesse contexto, a formação de identidade formulada por José Vasconcelos apresenta problemas práticos já em sua sociedade, e mesmo no nível continental. Para melhor entendimento de seu projeto identitário, vamos abordá-lo no subitem a seguir.

3.5 A Quinta Raça: a Utopia de uma Nova Identidade

Não se trata da releitura a partir do que conscientemente sugere o autor, mas antes de trazer à tona símbolos encontrados no fundo dos textos e de propor, a partir de vocábulos-chave, uma análise do que poderia ter sido o processo de formação da identidade latino-americana.

A ideologia da mestiçagem foi um traço comum na construção da identidade

nacional nos países latino-americanos. No entanto, as categorias e representações do mestiço devem ser investigadas como tópico não generalizado da sociedade. Assim, relativizamos sua procura cultural da vida e buscamos demonstrar como a questão racial é representada em seu meio.

Cabe, então, pensar e entender as relações e dar-lhes significados, ou seja, efetuar uma ação pragmática da História. Quanto a essa análise, François Dosse destaca:

Tanto os mecanismos da memória, em sua complexidade, quanto a análise histórica, em sua linguagem equívoca, remetem às dificuldades do dizer e têm, há muito tempo, suscitado pelo nível histórico. Para pensar as relações entre memória e história, é preciso, de início, dissociar esses dois planos para apreender, num segundo momento, as inter-relações. (DOSSE, 2003, p.261).

Segundo Dosse, cabe ao historiador, em sua análise, encontrar meios para esclarecer os acontecimentos e dar-lhes significado com a intencionalidade de se chegar a uma hipótese explicativa que irá nortear a sua escrita. Sendo assim, apesar de José Vasconcelos ter uma visão utópica, sendo ele um escritor político, ele norteou sua argumentação para uma analogia histórica. Ele mostra uma confluência plural, amplamente relacional, que vive e se nutre tanto do contato físico quanto do cultural.

Em seus pensamentos podemos observar o dinamismo da sua construção da identidade nacional, sua fundamentação no ideário de que todas as raças seriam importantes para o processo de formação não só do povo mexicano, mas de todo o continente. Segundo Romilda Costa Motta (2010), em suas *Memórias*, a sua figura de herói Criollo autointitulado símbolo da nacionalidade histórica mexicana tornou-o exemplo de cultura do país.

O mestiço torna-se elemento importante para José Vasconcelos em sua trajetória de vida, principalmente em seu período revolucionário, época em que suas lutas se voltam ao direito à igualdade social. Portanto, suas obras sempre estiveram vinculadas a essa ambiguidade social no que se refere à figura do mestiço daquele período, não só em suas obras, mas na disparidade do pensamento da intelectualidade daquele período. Otávio Paz (1976) articula a agitação do meio social mexicano como sendo “máscaras” de um povo que se fecha na movimentação de seus anseios de liberdade. As ideologias imbricadas na construção de uma identidade mes-

tiça mobilizaram indivíduos e multidões, alimentando estratégias de modificação da sociedade na América Latina.

A consciência da história do ibero-americanismo tem, como se supõe, sua raiz em uma realidade que é própria e original em relação com as de outros povos que expressam a modernidade. Uma realidade que, ao ser comparada com a de outros povos, é vista como símbolo negativo. Símbolos que a mesma modernidade aponta ao julgar os povos com culturas diversas e suas características. O mundo Ocidental, ao expandir-se pelo mundo, havia criado suas próprias interpretações de história, que não são outra coisa que suas próprias interpretações históricas em relação a outros povos. Como esses povos, os latinos em geral e os iberos em particular também formaram essa história. (ZEA, 1957, p. 28).

Durante o processo de revisão da construção identitária na América Latina, a história torna-se imprescindível para encontrarmos as fontes que tratam desse fenômeno. Leopoldo Zea remonta às interpretações simbólicas como meio de explicitar a importância dos povos latino-americanos para a construção das características nacionais. “Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados”. (SILVA, 2009, p. 19). É nesse contexto que José Vasconcelos se utiliza do mestiço como símbolo para a construção da identidade nacional na América e sua ideologia torna-se sinônimo de utopia.

Nenhuma raça contemporânea pode apresentar-se como modelo acabado o qual as outras devem imitar. O mestiço e o índio, ainda o negro, superam o branco em sua infinidade de capacidades propriamente espirituais. Nem na antiguidade, nem no presente, há caso de uma raça pronta para formar a civilização. As épocas mais ilustres da humanidade têm sido precisamente aquelas em que vários povos distintos se põem em contato e se mesclam. (VASCONCELOS, 2010, p. 27).

O autor transcende seu pensamento quanto à simbologia de uma nova raça, tenha ela qualquer origem. Para Otávio Paz (1976), a filosofia de José Vasconcelos seria um tanto quanto poética, “antes de tudo uma obra pessoal”, contraditória ao positivismo arraigado das correntes ideológicas naquele período. Ele apresenta a ousadia da postura de Vasconcelos:

A obra de Vasconcelos possui a coerência poética dos grandes sistemas filosóficos, mas não o seu rigor; é um monumento isolado, que não originou uma escola nem um movimento. Os mitos não acodem à cumplicidade da nossa razão, mas sim à dos nossos instintos. Não é difícil encontrar, no sistema vasconceliano, fragmentos ainda vivos, porções fecundas, ilumina-

ções, antecipações, mas não o fundamento de nossos ser, nem o da nossa cultura. (PAZ, 1976, p. 138).

Percebe-se então por que a intencionalidade de José Vasconcelos foi motivo de críticas já que ele vislumbrava uma reversão da dicotomia dos primórdios da colonização. Sua especificidade em apresentar a América Latina como lugar de uma nova civilização não o distanciou do pragmatismo inerente ao discurso de subalteridade do continente. Para ele, “as raças consideradas superiores tendem a desaparecer após cumprir seu ciclo, sua missão particular” (VASCONCELOS, 2010, p. 23). Então teremos um continente com uma grande variedade de raças.

Mesmo com essa perspectiva adotada, Roberto Fernández Retamar analisa o pensamento de Vasconcelos como “mal entendido”. Forjar uma nova raça seria algo deprimente às culturas dos diversos povos do mundo, confundir as características das distintas raças.

O conflito de pensamento presente nessas correntes intelectuais contribui para que possamos compreender os motivos que levaram Vasconcelos a descrever particularidades que estiveram presentes no caráter formativo da identidade latino-americana. Para Romilda Costa Motta, suas declarações expõem uma nuance maniqueísta.

Suas afirmações apresentam-se num tom ainda fortemente maniqueísta, dividindo os personagens do cenário político e intelectual do México das décadas de 1920 e 1930, em lados opostos: “traidores e mártires de uma causa derrotada”. Como último recurso, afirma-se como profeta, que não temia dizer a verdade. Narrar a iniquidade, como forma de combatê-la. Por suas posições radicais sobre política e religião, ao longo das décadas de 1930 e 1950, há muito vivia uma espécie de ostracismo político, relegado a uma posição marginal. Da imagem de mestre da juventude, apóstolo ou civilizador, pouco restava. (MOTTA, 2010, p. 48).

Percebemos na argumentação da autora que Vasconcelos colocou-se de forma ambígua ou reviu algumas de suas informações quanto ao pensamento sobre a identidade nacional. Ele se utilizava das circunstâncias para tentar legitimar suas ideologias nacionalistas. Se tomarmos, porém, o pensamento ideológico como corrente de construção e transformação da identidade nacional, percebemos que José Vasconcelos manteve-se como quimera afirmativa.

Durante a pesquisa, trabalhamos com a expectativa de que, para José Vasconcelos, a utopia da identidade partiria de suas premissas quanto à confluência das

quatro raças principais que formariam a “quinta raça”, na perspectiva de que *La Raza Cósmica* representasse a elaboração de um projeto que, de forma consciente, se utilizou da escrita histórica para talvez construir imagens que estavam presentes no continente latino-americano nos anos de 1920. Seria essa uma maneira de representar os vários acontecimentos e personagens presentes na memória mexicana e na América Latina, constituindo um significado simbólico do processo de mestiçagem para a construção da identidade ao longo da história do continente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a dificuldade de acesso à leitura das obras de José Vasconcelos, propusemos explorar as possibilidades do tema, buscando perceber sua concepção utópica de Novo Mundo. Não deixamos de apresentar elementos para apreender sua relevância quanto ao discurso de formação da identidade latino-americana. Procuramos interpretar os objetivos propostos pelo pensador mexicano ao refletir sobre sua visão racial, seu discurso identitário e as representações que projetou em relação ao processo de mestiçagem na América Latina.

A partir do momento em que tomamos conhecimento da trajetória de vida de José Vasconcelos, voltada para interesses políticos e sociais não só de seu país, mas do continente latino-americano, percebemos que seria difícil não contemplar, e ao mesmo tempo censurar, seu ideário, sua postura intelectual quanto a essa mesma construção da identidade nacional a partir do processo de mestiçagem. Nessa expectativa, nos alentamos positivamente por saber que, em meio aos acontecimentos em que ele esteve envolvido, como nos episódios políticos dos anos vinte, seus projetos estiveram voltados a promover soluções sociais que mudassem a estrutura elitista e favorecessem os setores marginalizados daquele período.

Embora Vasconcelos demonstrasse um pensamento otimista em sua obra *La Raza Cósmica* quanto ao futuro da América Latina, buscando, através de seus textos, causar impacto com representações que ressaltassem a cultura de diferentes povos, principalmente das populações indígenas, muitas vezes ele se mostrou um tanto impreciso e vago diante das mazelas políticas e sociais. Ao lado de opositores políticos, o escritor mexicano mostrava sua passionalidade quanto à reestruturação do México pós-revolucionário.

Pensar um novo México seria um tanto dicotômico quando se fala em distanciamento do povo, por interesses políticos e por estar ao lado de anti-indigenistas. Isso o levou a uma visão, talvez relapsa, talvez incongruente. Seria ele o defensor de uma nova América mestiça ou seu interesse estaria demasiadamente embutido na necessidade de forjar a construção de uma identidade latino-americana a partir do mestiço, tendo em vista que em suas *Memórias* ele nos remete a outra análise, mostrando seu trabalho na Secretaria de Educação Pública? Seu projeto no período foi promover a educação igual para todos, tendo sua obra educativa alcançada os mais altos níveis conceituais em meio à intelectualidade dos anos vinte.

Historicamente, a maioria dos pensadores hispano-americanos ostensivamente ignorava a própria América hispânica. Esta é mais uma razão para se saudar o pioneirismo de José Vasconcelos e sua visão utópica, ou seu ideário da raça cósmica, mesmo sendo ele considerado uma espécie de profeta rejeitado ou um poeta memorialístico.

Seu pensamento foi muitas vezes incerto pronunciado de modo diferente de outros pensadores. O que pode nos deixar eufóricos é sua visão quanto aos vários países da América Latina, em especial sua análise do Brasil. Em sua obra *La Raza Cósmica*, ele considera o Brasil como o coração da raça cósmica, da raça mestiça latino-americana. Centralizava o Brasil no mapa simbólico e impulsivo da futura América Latina por existir nele uma exuberância sem igual. Diferente de outros pensadores racistas do período, ele via o Brasil como um país de futuro e da futura raça mestiça. Com essas expectativas e a percepção de uma apreciação mais coesa, procuramos não nos tornar apenas críticos do pensamento de José Vasconcelos, mas buscar nortear nossa análise para localizar suas pretensas finalidades.

Algumas indagações movimentaram o princípio de nossa apreciação. Qual seria a visão de José Vasconcelos quanto à construção de uma identidade não só nacional, mas continental e mestiça, através de uma obra que foi motivo de tantas críticas? Ela ainda pode ser considerada como memorialística? O que deu a ele o pseudônimo de “profeta rejeitado”? Se seu pensamento foi considerado utópico, qual seria seu ideário quanto ao futuro latino-americano?

Buscamos cruzar várias fontes, que nos possibilitaram vincular vários conceitos e concluir que Vasconcelos conduzia seu pensamento de modo a promover uma visão futurista do México e da América Latina. Demonstrou seu impulso a partir do processo de reestruturação nacional, em que uma nova civilização formaria a identidade universal. Além da via política, a cultura seria o objetivo principal dessa nova população e os caracteres da barbárie cedidos aos povos latino-americanos não mais existiriam.

Tão logo iniciamos a pesquisa ficou claro que a produção cultural trabalha em prol de acontecimentos diversificados. A historiografia de uma civilização torna-se importante a partir de determinada constituição cultural, ressaltando assim a importância do processo de se imaginar uma nova comunidade nacional e continental mestiça.

Ao longo de suas obras, o mexicano discerniu relatos que remetem à grandeza decaída e amarga do homem, da falta de um ser humano coeso frente ao mito de sua própria existência. Para levantar a imagem da verdade oculta em sua essência, é precisa viajar ao redor do mundo e ao redor de si mesmo. Como protagonista de *Ulises Criollo*, ele narrou seu início no universo estético de possibilidades e situações relacionadas à sua trajetória espiritual na qual o mundo cultural seriam o caminho e o destino.

Chamou nossa atenção às discussões em relação à identidade, especialmente as da valorização da raça, embora no final do século XIX e início do século XX somente a ariana contasse. *A Raça Cósmica* foi uma ousada premissa de futuro da identidade da América Latina, sublimando a mestiçagem como uma profecia.

Sendo assim, as imagens compiladas apontam que a América Latina vem sendo construída por vários conceitos, dentre eles o de mestiçagem. As alteridades socioculturais definem limites em um campo de lutas e de interesses políticos, proclamando concepções referentes à liberdade e aos direitos dos distintos povos. Nessa batalha em movimento, a construção do caráter latino-americano já vinha sendo estigmatizado há vários séculos.

Finalmente, após as leituras realizadas, fica justamente o desejo de mudança percebido na utopia de José Vasconcelos. Ele tentou exorcizar os fantasmas do conformismo e, de todas as formas, buscou mostrar a importância da luta para que a América Latina pudesse se tornar um continente independente político e culturalmente das elites conservadoras e preconceituosas. Assim, se constituiria sua especial identidade: a partir da mescla de povos distintos, tensionados em seu ideário da raça cósmica.

Após o exposto, e considerando seus escritos autobiográficos assim como sua obra ensaística, podemos afirmar que o discurso elaborado por José Vasconcelos projeta uma intencionalidade, expressão de seus projetos políticos e sociais. O desejo de mudança, através dos instrumentos teóricos e intelectuais, possibilitou-lhe um espaço de diálogo que sobrepuiu a sociedade mexicana, lançando-se ao continente. Dessa forma, elegemos os elementos necessários para apresentar a quinta raça, acreditando nas contribuições das obras de José Vasconcelos para a construção de uma nova identidade latino-americana inclusiva. Através do ideário de uma nova raça, percebemos que a sua utopia, por mais criticada que tenha sido, lançou

elementos norteadores de uma representação nacional e comunitária, mesmo que não descartemos os possíveis efeitos dos processos ideológicos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANZALDÚA Gloria. *La conciencia de la mestiza / rumbo a una nova consciência*. *Rev. Estud. Fem.* vol.13, no. 3, Florianópolis, Sept./Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2005000300015&script=sci_arttext&tlng=en, consultada em: 20/09/2011.

ALTMANN, Werner. México: el estado y la unidad nacional cardenista. *Revista de história*, nº 115, 2º Semestre de 1983. Departamento de História — FFLCH/USP. <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/115/A006N115.pdf> Aos 05/01/2013.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das Sociedades Americanas*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *20 de novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Lazuli, 2007.

BEGER, Peter L. *A construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1909).

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BOUDON, Raymond de. e BOURRICAUD, François. *Dictionnaire Critique de la Sociologie*. Paris: Universitaires de France, 1982.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Modernismo Latino-Americano e construção de identidades através da pintura. *Revista de História*, nº153, São Paulo, Depto. de História, FFLCH/USP, 2005. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n153/a10n153.pdf>, consultado em: 02/03/2012.

CASTRO, José Rivera. *En la presidencia de Plutarco Elías Calles: 1924-1928*. Instituto de Investigaciones Sociales: UNAM, 1983. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt>

BR&lr=&id=5FeFfV3gWEC&oi=fnd&pg=PA8&dq=CASTRO,+Jos%C3%A9+Rivera.+En+la+presidencia+de+Plutarco+El%C3%ADas+Calles:+1924+1928.+Instituto+de+Investigaciones+Sociales+.+UNAM,+1983.&ots=vKMuCrabff&sig=Zbkhq1VqGYCf9lGVNigRojlYq0A#v=onepage&q&f=false Consultado em: 07/05/2012.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. *Fronteiras da Ética*. São Paulo: SENAC, 2002. <http://books.google.com.br/books?id=1ioQyzWUHcC&printsec=frontcover&dq=Fronteiras+da+%C3%89tica++Jos%C3%A9+de+%C3%81vila+Aguiar+Coimbra&hl=pt-BR&sa=X&ei=v-mZUezpFMmw0AHWn4GYDw&ved=0CDIQ6AEwAA> 16/05/2013.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano*. São Paulo, Perspectiva, 1980.

CHIPP, Herschel Browning. *Teorias da Arte Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CUI, Charles-henry e Gresle, François. *História da Sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

DIEHL, Astor Antônio. *Clio e Seus Artífices: Repensando o Fazer Histórico. Disponível em:* http://www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VIISIMPOSIO/mini_conf/Astor%20Antonio/astor_antonio.pdf Consultado em: 09/10/2011.

DOSSE, François. *A História*. São Paulo – Bauru: EDUSC, 2003.

FERNANDES, Florestan. *O negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Caliban*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – CLACSO, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GANDIA, Enrique de Gandia. *Causas e Características da Independência da América*. *Revista História da USP*. <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/044/A005N044.pdf> - Aos 09/11/2012.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

GRUZINSKI, Sergio. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric. Os Camponeses e a Política. In: *Pessoas extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Citado por DOSSE, François. *A História*. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, São Paulo: EDUSP. 2003.

LAMEGO, Valéria. *A Farpa na Lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

La Revista «TIMÓN» Y La Colaboración Nazi de José Vasconcelos. I. BAR LEWAW. Centro Virtual Cervantes, 1971. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/04/aih_04_1_018.pdf Consultado em: 19/08/2012.

MALERBA, Jurandir. *A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARINETTI, Filippo Tommaso. *Fundazione e Manifesto del Futurismo*. 1909. http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:bq1zifOVrpUJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5

MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOSCA, Georges Cuvier. A Doutrina do Super-Homem e as Teorias Racistas. Em *História das doutrinas políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”*. Dissertação de Mestrado, USP, 2010. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=romilda+costa+mota+memoria+de+um+profeta+rejeitado&btnG=Pesquisar&lr=&as_yl : em: 20/03/2011.

NUNES, Américo. *As Revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ODALIA, Nilo. *As Formas do Mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

OLINTO, B. A. A representação histórica para além da virada linguística: as contribuições de Frank Ankersmit. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p. 153-158, 2012.

www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/download/4350/3111: Em 02/010/2012.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAZ, Otávio. *O Labirinto da Solidão e Post.Scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no Século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2000.

[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/144/RH_144 - Kirsten Schultz.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/144/RH_144_-_Kirsten_Schultz.pdf):
Em : 02/12/2012.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *Repensando a História Comparada da América Latina*. Depto. de História – FFLCH/USP
[http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153_Maria_Ligia_Coelho_Prado.pdf) Maria Lígia Coelho Prado.pdf - Aos 28/12/2012

PRADO, Paulo. *Paulística - História de São Paulo*. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUEVEDO, Alfonso Taracena. <http://juchimanesdeplata.org.mx/cv/11.pdf>: Aos 09/12/2012.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991.

REED, John. *México Insurgente*. São Paulo: Boitempo, 2010.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 1: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SIRINELLI, Jean – François. Os Intelectuais. In: REMOND, Rene. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ROIZ, Diogo da Silva. A Historiografia de um Mito: A Atlântida Platônica. *Revista Phoênix*: Ano 15, Volume 2, Laboratório de História Antiga (IHIA), UFRJ, 2009.

http://www.revistaphoenix.com/phoenix20092/resenha001_marici.pdf: em 09/09/2012.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

SÁ, Eliane Garcia de. *Construções do Caráter Mestiço das Identidades Nacionais na América Latina*. Londrina: PGHIST-UERJ, 2005.

SANTIAGO, Silviano (org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

SCHULTZ, Kirsten; Maria Ligia Coelho Prado. *América latina no século XIX. Tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, 2000.

http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/144/RH_144_Kirsten_Schultz.pdf: Em 05/03/2013.

SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo/Campinas: Papirus, 2002.

SILVA, Luiz Fernando. *O Mestiço na Construção da Identidade Cultural Latinoamericana e as Diferenças Entre o Brasil e a Argentina*. Bauru/Araraquara: FAAC – UNESP. <http://www.lamericas.org/arquivo/corpoecultura.pdf>; em 22/05/2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

URENA, Pedro Henríquez. *La Utopia de América*. Caracas Venezuela: Biblioteca de Yacucho, 1989.

http://books.google.com.br/books?id=qIJeRgNku7UC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false: dia 20/05/2013.

VARGAS, Rafael e XAVIER GUZMAN, Urbiola (ed.). *José Vasconcelos – Iconografia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2010.

VASCONCELOS, Camilo de Melo. *As Representações das Lutas de Independência no México na Ótica do Muralismo: Diego Rivera e Juan O’Gorman*. http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153_Camilo_de_Melo_Vasconcellos.pdf - Aos 17/02/2013.

VASCONCELOS, José. *Memorias II. El Desastre. El Proconsulado*. México: Letras Mexicanas/ Fondo de Cultura Económica, 1982.

VASCONCELOS, José. *Ulises criollo*. México: Editorial Porrúa, 2006.

VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica: Misión de la raza iberoamericana*. México: Espasa-Calpe, 2010.

VVAA. *Os Filósofos Através dos Textos – de Platão a Sartre*. Tradução: Constança Terezinha M. César. São Paulo: Paulus, 1997.

ZEA, Leopoldo. *América en La Historia. CIMAS de América/Revista de Occidente*. Madrid, 1957.